

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (*Per*)cursos da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

IMAGENS DO PROGRESSO:
EM CENA A TV EM UBERLÂNDIA – 1950 A 1970

JANE MACHADO DA SILVA

2182

S. 9
10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

JANE MACHADO DA SILVA

IMAGENS DO PROGRESSO:
EM CENA A TV EM UBERLÂNDIA – 1950 A 1970

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História. Sob a Orientação do Prof. Dr. Newton Dângelo.

Uberlândia, julho de 2003.

JANE MACHADO DA SILVA

IMAGENS DO PROGRESSO:
EM CENA A TV EM UBERLÂNDIA – 1950 A 1970

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Newton Dângelo

Prof. Paulo de Barros Machado

Prof. Dr. Antônio de Almeida

Dedico este trabalho
a todas as mulheres
homens e crianças
que a História
até hoje negligenciou.

Agradeço:

as famílias Couto e Machado e em especial a Milton e Maria Izabel e ainda aos meus primos nos quais eu sempre penso quando o que está em questão é continuar. Em especial a Valeska pela ajuda e apoio.

A todos aqueles que lutaram e que lutam para que a universidade continue pública.

Ao meu orientador pela indicação e intercessão quanto a pesquisa no Arquivo Público Municipal e ainda pela compreensão quanto às divergências.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação profissional e humana e ainda pelos conflitos de concepção política e teórica.

Agradeço em especial aos professores Antônio de Almeida, Rosângela Patriota, João Marcos e Jacy Seixas por contribuírem para conflitos Homéricos. Por serem cada um do seu modo responsáveis pelo despertar de uma múltipla concepção do "ser".

Ao Professor substituto Sérgio Paulo pelas discussões, pela sua dedicação, paciência e compromisso com o ensino de História.

Ao Gaspar e ao Flávio e em especial ao João Batista, por terem amenizado as relações burocráticas entre alunos e a instituição e pela dedicação, atenção e afabilidade.

Aos companheiros de gestão do DCE(2002) pela experiência de viver as mais variadas concepções políticas, pelas discussões e possibilidade de estabelecer o diálogo entre a prática e a teoria. Foi Traumático! Mas, valeu!

Agradeço em especial aos grandes e inesquecíveis companheiros de "buteko" e de seminário! fieis e essenciais parceiros intelectuais:

Edeilson Matias , Leandra Domingues, Jussara Valéria, Maria Abadiav Cardoso (Dinny) e Renato Jales.

Ao Raphael Alberto pelos acalorados debates que trouxeram novas formas de reflexão e pelo apoio técnico e logístico.

Ao Vinícius Duarte pela inserção de novas polêmicas e pela sua forma especial de pensar a Vida e a História.

Ao Glauber por mediar de forma irreverente os calorosos debates historiográficos na república.

Ao Tadeu pelo invejável entusiasmo e pelos extensos debates teóricos.

A Núbia L. Bezerra (Neneca) pela preocupação e pela ajuda com o material de pesquisa.

E finalmente ao "companheiro" Paulo Machado que tanto contribui para a formação de uma consciência crítica e psíquica.

Toda a terra tinha uma só língua e usava as mesmas palavras. Ao migrarem do Oriente, os homens acharam uma planície na terra de Senaar, e ali se estabeleceram. Disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e cozê-los ao fogo”. Utilizaram tijolos como pedras e betume como argamassa. E disseram: “ Vamos construir para nós uma cidade e uma torre que chegue até o céu. Assim nos faremos um nome. Do contrário, seremos dispersados por toda a terra”. Então o SENHOR desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E o SENHOR disse: “ Eles formam um só povo e todos falam a mesma língua. Isto é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem. (BIBLIA sagrada, 2001, p. 26)

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	08
2- CAPÍTULO I	16
2.1 OPROGRESSO DO DISCURSO E O DISCURSO DO PROGRESSO NA CONSTRUÇÃO DA TV E DA POLÍTICA BRASILEIRA	
3 -CAPÍTULO II	32
3.1 DAS ENTRELINHAS DO PODER ÀS IMAGENS DO PROGRESSO	
4-CAPÍTULO III	47
4.1 A TELEVISÃO, O TELESPECTADOR E O CONSUMO CULTURAL	
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6-LOCAIS E FONTES DE PESQUISA	61
7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

RESUMO

Este trabalho tem como propósito investigar aspectos que nortearam o processo de instalação da primeira emissora de TV em Uberlândia. Sendo o foco principal as relações e conflitos de poder relativos a TV e às imagens criadas quanto a esse empreendimento. Busco compreender se e como estas relações interviam no cotidiano da população.

Dessa maneira discuto a relação entre o contexto socio-político do Brasil e a inserção da televisão nesta sociedade, bem como, as disputas e possíveis mudanças que tais aspectos provocaram nas relações sociais. Analisando o que estava em jogo no cenário nacional e local.

Procuró discutir ainda o consumo dos bens culturais Focalizando a técnica e sua relação com o processo de mercantilização dos chamados bens simbólicos.

1 - INTRODUÇÃO

“Ser ou não ser, eis a questão! (...)”¹ A infinidade de possibilidades que tão consagrada reflexão nos possibilita vem justamente reforçar o quanto as questões podem ser imprecisas e que a grande certeza que temos é que não temos certeza de coisa alguma. O que Sócrates já comprovara no século V antes de Cristo, “conhece-te a ti mesmo”, ou seja, tenha consciência de sua ignorância. Devemos reconhecer que o nosso conhecimento é infinitamente pequeno. Daí a insaciável busca senão de respostas pelo menos de algo que nos aproxime delas.

Nesta perspectiva pode-se justificar a produção das sociedades na busca da expansão cognitiva. O grande problema no desenrolar das possibilidades que se apresentam, quando dessa busca, é o fato de termos a atenção voltada a um único ponto diante da multiplicidade de opções que a produção cultural nos possibilita. Isto porque, a produção de conhecimento é intensa e perdemos grande parte dela considerando, dentre outros motivos, o nosso tempo de vida, frente ao conhecimento já produzido.

Com base nesta reflexão parece-me num primeiro momento, quando da escolha de um *objeto* de pesquisa, em meio a multiplicidade mencionada, estar negligenciando a História dada sua abrangência e complexidade. Há um constante borbulhar, um movimento de idéias, de acontecimentos que podem reverter-se em temas, em objeto de estudo. A partir de então institui-se os conflitos, *o ser ou o não ser...*o enquadramento do chamado objeto por uma via de análise ou uma *linha* que demonstrará sob qual óptica, ou qual teoria e método o objeto será analisado.

Tudo isso contribui para tornar a situação ainda mais delicada, pois nem sempre tal estudo trará de fato respostas ou terá utilidade social, tratando-se na maioria das vezes de uma obrigação que como pretensos intelectuais temos

¹ Trecho da reflexão de Hamlet personagem de William Shakespeare,

que desempenhar, ora para a obtenção de títulos, ora por vaidade, ou mesmo, pelo que é próprio da *essência humana*: a busca do conhecimento.

Os conflitos aos quais me refiro servem para demonstrar que o grande desafio da academia é ultrapassar o campo da reflexão, da simples teoria buscando algo que nos aproxime um pouco mais da prática. Assim sendo, acredito ter a responsabilidade de demonstrar os aspectos que permearam esta produção interligando-a com os fatores que se seguiram durante toda a graduação tanto no campo teórico quanto no campo da prática. Entendendo que este é justamente o propósito desta monografia. É pois o resultado parcial de um trabalho, já que para o caso em questão não se pode estabelecer um fim, caso contrário estaria interpretando equivocadamente os pressupostos da História.

Pois bem, antes de apresentar propriamente a estruturação desta monografia, gostaria de ressaltar algumas reflexões além das já realizadas. Embora as mesmas estejam presentes no decorrer dos capítulos gostaria de dar mais visibilidade a elas, acreditando que este é o momento oportuno.

Se analisarmos a produção cultural de uma sociedade verificaremos fatores de diferentes naturezas interagindo-se para que a mesma constitua-se. Dessa maneira as relações que envolvem a produção são essenciais nesta análise, pois demonstram os conflitos e valores de uma dada sociedade que ultrapassando a relação capital-trabalho serão materializados através das manifestações culturais. Estas por sua vez também contribuem para a manutenção da sociabilidade ameaçada pela industrialização, que transforma as atitudes, o cotidiano, a percepção de mundo.

Pretende-se desenvolver aqui um estudo que carrega a essência da contemporaneidade e suas múltiplas facetas. Por isso o propósito de remontar a trajetória da TV em Uberlândia elucidando como foi o processo de "adaptação" à cultura tecnológica, ou a cultura tecnicizada? importando-nos compreender como esta inovação foi absorvida por alguns seguimentos da sociedade. Compreendendo que,

Cultura é a dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social... a cultura é um produto coletivo da vida humana.²

Nestes termos, quando nos referimos a uma cultura tecnicizada ou tecnológica é tão somente para vislumbrarmos a idéia da ruptura das relações manifestadas com a intervenção da técnica e da tecnologia. Ressaltando que os elementos que compõem o campo simbólico foram enquadrados, modificados para serem comercializados.

É preciso entendermos que o homem quando transforma o meio está transformando a si mesmo, constrói-se através das relações de trabalho, ou seja, do seu cotidiano na fábrica, na lavoura, nas instituições (igreja, família, associações), enfim das relações sociais. Assim toda transformação da sociedade faz parte de um contexto histórico que suporta determinadas condições, condições estas objetivas ou subjetivas. Nesse processo de desenvolvimento tecnológico, que faz parte também de um movimento de modernização é perceptível a conseqüente alteração das práticas culturais manifestando-se através da interação do homem com o meio.

Esta interação dá-se de várias formas, seja reivindicando junto ao Estado seu espaço enquanto cidadão, seja criando novos espaços em que esta cidadania realmente efetive-se, ou mesmo aceitando mediações entre si e o meio. chegando ao extremo de aceitar que comercializem até mesmo sua miséria .

Como podemos elucidar com o seguinte trecho:

² SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura* . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.44-45. (Coleção Primeiros passos).

*Os que não têm mais a quem recorrer, os desenganados sociais, ali comparecem para implorar a atenção que lhes é devida. É, inacreditável, ainda pagam um preço: fazem o papel de atração exótica. Eles não cobram cachê, “atuam” de graça e, sem saber, fazem girar os muitos zeros da caixa registradora da máquina de humilhar (máquina travestida de ajuda humanitária). Quando muito, ganham um pacote de mantimentos, uma consulta médica, uma promessa de político. A produção é baratíssima, e o faturamento comercial é cada vez mais alto. Tanto que as atrações do gênero vão se multiplicando.*³

O desenvolvimento dos meios de comunicação que apresentam uma nova linguagem e se colocam enquanto porta vozes da sociedade têm um papel fundamental na cultura contemporânea, na realidade forjam esta cultura, criam modismos, ditam normas, valores, princípios, “controlam” o que se costuma denominar como sociedade de consumo.

Nessa perspectiva de tentar apreender como se deu tal transformação, acreditei ser necessário estruturar o trabalho em três capítulos, sendo que no primeiro detive-me a remontar de forma sucinta a trajetória da TV no Brasil e sua inserção na cidade de Uberlândia, analisando simultaneamente a conjuntura político-econômica, tentando identificar quais as disputas que estavam em jogo no cenário nacional e local.

No segundo Capítulo, a discussão gira em torno do processo de instalação da emissora de TV em Uberlândia. Neste foram analisadas as relações e conflitos de poder relativos a TV e às imagens criadas em torno da mesma. Discuto ainda sob quais aspectos econômicos e políticos a Televisão foi inserida em Uberlândia. Considerando que o foco principal é a compreensão do processo de transformação na esfera cultural, ou seja, o conjunto das relações sociais. Tais transformações são resultantes de ações coletivas perceptíveis nos espaços de sociabilidade em que se expressam alterações de valores e convivência. Haja vista que a cultura é “o campo simbólico e material das atividades humanas”.⁴

³ BUCCI, Eugênio. Quando a Desgraça da lucro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 de nov. 2001. TV Folha, p. 02.

⁴ CHAUI, Marilena, Op. cit., p. 14.

O terceiro capítulo compreende na discussão da relação entre o consumo dos bens culturais, a televisão e os telespectadores. Focalizando a técnica e sua relação com o processo de mercantilização dos chamados bens simbólicos.

Para desenvolver este trabalho procurei adotar um referencial bibliográfico diverso reunindo autores que trabalham os meios de comunicação, o regime militar e o desenvolvimento econômico do país, visando um melhor embasamento desta pesquisa.

É necessário lembrar que o período é bastante estudado havendo uma imensa produção bibliográfica sobre tal temática, dessa maneira estaremos sempre pecando nesta ou naquela abordagem à medida que a escolha de determinados aspectos estará prescindindo outras possibilidades.

Considerando então a infinidade de abordagens resultando em uma vasta produção o referencial teórico para este trabalho foi o seguinte: teses, jornais, revistas, artigos e entrevistas, destacando-se as obras: *Cultura de Massas e política de comunicações* de Waldenyr Caldas⁵ que oferece uma visão panorâmica das relações entre o Estado e os empresários da comunicação, ressalta os aspectos legais da política de comunicação e suas diferenças entre a América Latina, Europa e Estados Unidos. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo* do autor Edgar Morin⁶ no qual analisa as transformações das relações em um momento em que tudo, até a cultura é industrializada.

Atenho-me ainda a discussão realizada por Adorno e Horkheimer⁷ nas severas críticas que fazem aos meios de comunicação que segundo sua ótica, estão sob o jugo da *Industria Cultural*. Outros títulos importantes são: *Ditaduras e Indústrias culturais: no Brasil, na Argentina, No Chile e no Uruguai*

⁵ CALDAS, Waldenyr. *Cultura de Massas e política e comunicações*. São Paulo: Global, 1986. (Coleção para Entender).

⁶ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1967. (Coleção Culturas em debates).

⁷ ADORNO, T. W. *A Industria Cultural*. In Cohn, Gabriel (org) col. Grandes Cientistas Sociais: São Paulo Atica, 1986, n.º 54.

de Sérgio Caparelli⁸, que destaca a importância da mídia na formação nos países do Cone-Sul e suas relações com o regime político, destacando aspectos globais e diferenças entre tais países.

Utilizo também *Culturas Híbridas* de Néstor García Canclini⁹ que aborda a diversidade cultural no meio urbano e o quanto a reorganização desse meio contribui com o sucesso dos meios de comunicação, ressaltando a significativa participação destes meios no cenário político dos países da América latina. Dentre outros títulos que acreditei serem importantes para o desenvolvimento deste trabalho esta também *A Moderna Tradição Brasileira* de Renato Ortiz¹⁰ que traz à tona a relação da construção de um projeto de modernidade para o país através das relações culturais.

Utilizo ainda como norteadores do meu trabalho a dissertação de mestrado de Fábio Piva Pacheco¹¹ que muito me influenciou, o trabalho de Ana Carolina R. P. Temer¹², cabendo ressaltar que o mesmo traz uma infinidade de informações quanto as emissoras de TV de Uberlândia, sendo seu foco a TV Triângulo. Apresenta uma grande quantidade de entrevistas somando 47, dando voz aos agentes do telejornalismo daquele período. Utilizo ainda da tese de doutorado do Professor Newton Dângelo¹³ que oferece uma importante contribuição para a discussão dos meios de comunicação na cidade de Uberlândia, analisando as relações de poder e as transformações do cotidiano do público, através das emissoras de rádio.

Estes trabalhos dão uma importante contribuição, pois apresentam uma vasta pesquisa na área de comunicação e política na cidade de Uberlândia,

⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Ditaduras e Indústrias culturais: no Brasil, na Argentina, No Chile e no Uruguai (1964-1984)*, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1989.

⁹ GARCIA CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. (Ensaio Latino-americanos, 1).

¹⁰ ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

¹¹ PACHECO, Fábio. Op. cit.

¹² TEMER, Ana Carolina R. P. *Colhendo Notícias, Plantando Imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo. 1998.

¹³ DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: progresso, consumo, lazer ao som do Rádio-Uberlândia 1339-1970*. (Tese de doutorado), São Paulo: PUC, 2001.

colaborando para desvendar e compreender outras nuances da história local que através de outras fontes não foi possível compreender.

Foi necessário além do aparato teórico, pesquisar os acervos do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, sendo que o principal acervo consultado, Dantas Ruas, ainda está em processo de catalogação, retardando assim a pesquisa a qual só foi efetivada recentemente e com restrições.

Nestas condições debruzei-me apenas em scripts de programas apresentados nos dois primeiros anos da TV Triângulo¹⁴, a documentação pertencia a Dantas Ruas locutor de rádio, produtor, redator - dentre outras funções que exerceu - da TV Triângulo. Um importante agente na História do rádio e da televisão em Uberlândia.

O acervo consta ainda de scripts de abertura e encerramento dos programas, textos com teor jornalístico, homenagens, teledramas e programas musicais, entrevistas com *personalidades* da época, principalmente políticos. Muitos dos pesquisadores desconheciam a existência de tal material. Todavia chegou ao meu conhecimento, por intermédio do meu orientador, que havia no acervo material de grande valor para embasar uma investigação sobre a TV.

Trabalho também com entrevistas, fontes orais na tentativa de remontar a trajetória da TV a partir da visão dos seus agentes e daqueles que assistiam ao espetáculo do "Som e da Imagem" por outro ângulo. Ousando utilizar os pressupostos da História Oral. Atentando-me para que conforme explicita Alessandro Portelli:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia... quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através

¹⁴ Esta ganha destaque por estar enquadrada exatamente no período mencionado, tendo iniciado seu funcionamento como canal a partir de 1964, embora a concessão tenha sido conseguida desde 1962 através de decreto.

*do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso.*¹⁵

Foi possível realizar somente seis entrevistas, sendo três com técnicos que acompanharam o processo de evolução da TV em Uberlândia e duas com pessoas que não tinham ligação direta com a TV, respectivamente, Mário Rodrigues, ex-operador técnico da TV Triângulo, Roberto Cordeiro, Fotógrafo aposentado da TV Triângulo, Abilio Segadães, Redator aposentado da TV Triângulo, Olívia Calabria ex-militante do Partido Comunista, Lúcia Peixoto, Advogada e Vendedora.

Devo ressaltar que nem sempre estarei seguindo neste trabalho uma linha cronológica, talvez nem uma metodologia específica. A sequência de fatos e reflexões é colocada na tentativa de trazer à baila os documentos e fontes que no decorrer da pesquisa tornaram-se imprescindíveis à compreensão do processo histórico que envolve a Televisão.

Dessa forma recorro a seguinte explanação:

*Talvez seja mais coerente dizer que não exista um único caminho. A história não está inscrita numa linha processual inexorável que os historiadores têm que descobrir para revelar a "verdade" sobre os acontecimentos. Os caminhos são vários e inusitados, podendo o historiador traçá-los por vários ângulos e transversalidades possíveis. A "lógica" é representada pelo historiador, que escolhe, recorta, aproxima, distancia ou desvia documentos e memórias. A trama narrativa incidirá o caminho escolhido pelo historiador dentre os diversos possíveis de serem construídos.*¹⁶

Enfim delimitar aqui os procedimentos trata-se de fechar o leque de possibilidades pois, o contato com as fontes demonstra muitas vezes a impossibilidade de adotarmos os modelos teóricos consagrados, fazendo emergir análises mais modestas, porém próprias da experiência. Sendo o processo inverso, ou seja, a prática sobressaindo à teoria. O contato direto com a realidade faz-se criar interpretação particularizadas que fogem aos rótulos. Esta é a dialética do fazer histórico.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 2 1996. p. 60.

¹⁶ PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e Poder: Representações simbólicas do autoritarismo na política-Uberlândia 1960/1990*. (Dissertação de mestrado) Uberlândia: UFU, 2001. p. 19-21.

2 - CAPÍTULO I

2.1 O PROGRESSO DO DISCURSO E O DISCURSO DO PROGRESSO NA CONSTRUÇÃO DA TV E DA POLÍTICA BRASILEIRA.

Abordarei nesse primeiro capítulo aspectos da sociedade brasileira que devem ser considerados quando da análise da conjuntura que possibilitou a instalação de emissoras de TV no Brasil na década de 50. Tendo já na década de 70 espalhado retransmissoras pelas principais capitais do país. Destacando a cidade de Uberlândia neste contexto.

Este foi um período de grandes investimentos na área de telecomunicações. A maioria das concessões foram dadas durante o regime militar, o que talvez possa ser explicado pela importância que os militares davam aos meios de comunicação, principalmente pelo fato de representarem um setor extratético que demonstrava crescimento e aceitação do público. Podendo servir de veículo de *aproximação* entre o governo e o povo. Assim propagariam seus ideais reduzindo até mesmo as distâncias territoriais. Pois,

a estratégia da ditadura militar visava encontrar formas de aceitação e adesão ao seu projeto nacional que implicava adesão aos seus valores e crenças, única forma de alcançar o destino que nos pertencia, se seguíssemos pela correta rota, não permitindo as ocorrências de desvios. Tal estratégia se efetivaria através de diferentes meios, entre os quais os meios de comunicação, sobretudo a televisão por seu largo alcance e, segundo a concepção dos ideólogos do regime, por ser um instrumento poderoso para a rápida e padronizada difusão de idéias, criação de estados emocionais, alteração de hábitos e atitudes e por sua capacidade de gerar conformismo social. A televisão, é dessa forma, meio privilegiado para o entendimento desse período uma vez que foi vista como item fundamental para a estratégia do poder, daí o enorme impulso que sofreu, sobretudo a partir do final da década de 1960.¹⁷

¹⁷ OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. *Nossos Comerciais Por Favor!: a televisão brasileira e a escola superior de guerra: o caso Flávio Cavalcanti*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001. p. 17-18.

Para a legitimação do regime militar seria necessário um grande esforço por parte de seus idealizadores. Estes tinham consciência de que deveriam apropriar-se de qualquer instrumento que facilitasse o acesso à população, que levasse até ela o ideal de Nação que se propunham construir.

Entendia-se neste período que a TV acabaria por substituir várias instituições, pois tinha um grande potencial a ser explorado. Poderia, por exemplo, ter um importante papel na educação das crianças, embora ainda não tivesse o alcance que tem hoje, poderia auxiliar na criação de uma identidade nacional a qual possibilitaria, na visão do governo, a união de *todos* na defesa do regime, possibilitando um grande avanço do país, o que seria segundo sua visão mais um passo rumo ao progresso.

No entanto a proposta de promover uma consciência modernizadora que possibilitasse elevar o Brasil ao Status de país desenvolvido tem início muito antes da década de 50, período que se constata um grande crescimento da indústria. Na realidade desde 1930 com o governo de Getúlio Vargas, propunha-se várias reformas no país, inclusive de cunho administrativo. Buscava-se um fortalecimento do Estado a partir da criação de uma Identidade Nacional e da centralização do poder.

*A revolução de 1930 no Brasil anuncia o início das intervenções militares. Getúlio Vargas implanta um governo de tipo populista, com um controle firme da imprensa e das emissoras de rádio, especialmente depois de 1937, quando ele se arroga poderes verdadeiramente ditatoriais. Esta primeira experiência populista prossegue até 1945; no fim da Segunda Guerra Mundial, sai vitorioso um representante do populismo. E Getúlio Vargas retorna ao poder em 1950, eleito pelo povo. Suicida-se em 1954, quando essa política, os trabalhadores e os partidos tradicionais são afastados da cena pelos militares.*¹⁸

Buscava-se o capitalismo industrial através de grandes projetos de industrialização. Várias medidas foram tomadas visando criar condições que propiciassem a estruturação dos campos administrativo (através da criação de

¹⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Ditaduras e indústrias Culturais, no Brasil, Na Argentina, no Chile e no Uruguai (1964-1984)*, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1989. p. 11. (não grifado no original)

órgão e projetos) e do político-ideológico. Surgem nesse período aparelhos institucionais que deveriam funcionar como alavancas do desenvolvimento, reguladores das políticas gerais do Estado. Vários incentivos são concedidos ao setor industrial para a instalação da chamada indústria de base. Foram implementadas políticas de proteção tarifária rebaixando tarifas sobre bens e equipamentos industriais. Ao mesmo tempo que os similares nacionais são protegidos da competição externa.

Aqueles que eram os interesses de um grupo passaram a ser tratados como se fossem da coletividade, o que na concepção daqueles que o proferiam atribuía legitimidade ao discurso progressista. O ideal desenvolvimentista impunha o discurso da vitória, a elite dominante estava certa de que o “projeto de industrialização que orientou a ação do governo”¹⁹ levaria a efetivação das políticas que visavam um projeto de unidade nacional.

Tentava-se criar um clima de otimismo quanto ao possível desenvolvimento. Referiam-se aos projetos econômicos e políticos como se fossem o destino do Brasil, era o discurso recorrente nas promessas feitas àqueles que seriam os futuros operários e também teriam um papel preponderante neste processo: poderiam contribuir com a industrialização do país e poderiam fazê-lo trabalhando. Estes deveriam sobretudo demonstrar “disciplina” e “amor” ao seu país possibilitando a efetivação da “justiça social” que o governo *tanto desejava*. A ideologia desenvolvimentista tentava seduzir pelo discurso inflamado, porém nem sempre convencida, haja vista, o insistente discurso da *Ordem e Progresso*.

Segundo Joel Wolfe,

(...) Vargas acentuou seu interesse em integralizar o país como um todo em seu primeiro discurso do Dia do Trabalho, durante a ditadura do Estado Novo. No dia primeiro de maio de 1938, o ditador assegurou aos brasileiros compreender que ‘Ordem e Progresso’ eram as suas mais importantes aspirações, mas acrescentou dizendo que “um País não é apenas uma aglomeração de indivíduos em um território, mas é principalmente, uma unidade de raça, uma unidade de língua, uma unidade de pensamento. Para

¹⁹ DRAIBE, Sônia. *1930-1945: Rumos e Metamorfoses: Um estudo sobre a constituição do Estado e as Alternativas da industrialização no Brasil: 1930-1960*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

*se atingir este ideal supremo, é necessário, por conseguinte, que todos caminhem juntos em uma prodigiosa ascensão(...) para a prosperidade e para a grandeza do Brasil.*²⁰

Podemos perceber a partir da discussão feita por Wolfe, como era expresso no discurso o propósito de se construir uma unidade, uma verdadeira Identidade Nacional e o quanto esse ideal *civilizador* vai se constituir numa obsessão, sendo cultuado pelas futuras classes dirigentes do país, assim como o foi em outros momentos da política brasileira.

A prosperidade almejada e de fato alcançada, em determinados setores, transforma as relações sociais, intensifica os conflitos advindos da mudança no setor de produção. O potencial de industrialização juntamente com o trabalho é explorado, contribuindo para atingir um considerável desenvolvimento econômico.

Contudo, a população que deveria ser beneficiada pois o discurso era proferido no sentido de promover melhores condições de vida. Ficava à margem de tão anunciado desenvolvimento econômico. As tecnologias não são acessíveis naquele momento à maioria da população que deveria conforme o discurso compactuar com um ideal de *trabalho*, ou seja, adotar um ritmo de trabalho diferente daquele habitual. Desse modo os trabalhadores deveriam ser moldados convertendo-se em verdadeiros operários prontos para servir à indústria e ao crescimento. Evitando, sobretudo, qualquer tipo de conflito.

Os supostos benefícios que este crescimento poderia proporcionar só poderia servir a elite dominante. O mais próximo que os trabalhadores chegariam dessa modernização seria utilizando, nas indústrias, seus instrumentos de trabalho.

A partir das evidências somos levados a acreditar que a condição política do país na década de 60 é devida a aspectos das relações estabelecidas nos governos anteriores, por isso, a necessidade de realizar um

²⁰ WOLFE, Joel. "Pai dos pobres" ou "Mãe dos ricos"?: Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/. V. 14, nº 27. 1994. p.32.

breve resgate daquele momento. Para então compreendermos sob qual contexto a televisão consolida-se.

No Governo de Juscelino Kubitschek tem-se a intensificação do processo de industrialização do país. Pretende-se alcançar um grande avanço em um curto período causando serias rupturas nas relações socioculturais. “Cinquenta anos em cinco!”.

O século XX é considerado pelo historiador inglês Eric Hobsbawm²¹ como a “Era dos Extremos”, por abarcar além das mais diversas contradições e conflitos, uma ruptura significativa nas relações sociais, no cotidiano, nos valores e percepção de mundo do homem contemporâneo. Este vive em um contexto de intensidades. Podemos nos remeter a década de 50 no Brasil como um período em que os *extremos* ganham uma certa visibilidade a partir do momento que se vislumbra tantas mudanças em tão pouco tempo.

Para acalantar o povo que deveria assimilar e adaptar-se a tão abrupto desenvolvimento era armada toda uma estratégia de convencimento como, por exemplo, enfatizar o crescimento industrial e uma consequente melhora nas condições de vida da população menos favorecida. A aposta era certa; todos ganhariam com isso. Previa-se uma verdadeira redenção do Brasil e dos brasileiros.

*A estratégia usada para a tomada de decisões na área econômica no governo JK envolvia um acompanhamento dos eventos no cenário internacional com vistas à inserção do Brasil no jogo das grandes potências capitalistas, e o entendimento e o atendimento às pressões de setores econômicos e políticos.*²²

A chamada investida desenvolvimentista nos ajuda a compreender o porquê da ascensão de muitas empresas que englobam os mais diversos empreendimentos. A remodelação do país que tinha um passado agrário foi

²¹ ver HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²² LEOPOLDI, Maria Antonieta P. “Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60)” In: COMES, Ângela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

pensada com o objetivo de lançá-lo no mercado internacional, para tal, era necessário criar um *revestimento* moderno e arrojado. O desenvolvimento econômico seria financiado, a princípio, pelo Estado que deveria convencer o povo brasileiro que seria realmente possível atingir o desenvolvimento de “cinquenta anos em cinco”.

Segundo Maria Antonieta P. Leopoldi²³ os principais pontos defendidos pelo governo JK foram: o planejamento, a abertura a investimentos estrangeiros na indústria nacional, financiamento do setor empresarial, protecionismo sobre a taxa de câmbio e das alíquotas sobre os produtos importados. O resultado ao final do governo JK foi um endividamento externo e aumento da inflação.

Diante da crise e da incerteza, o governo foi encerrado com grande insatisfação da população. Principalmente a das grandes cidades, onde era possível uma melhor visualização dos estragos feitos pela política de industrialização. A opção pelo endividamento e pela internacionalização da indústria brasileira em prol do desenvolvimento incidirá sobre a política econômica dos sucessivos governos, acarretando graves problemas para o país.

Como vimos, o posicionamento da classe dirigente tende a privilegiar grupos e assumir posturas que em sua maioria não representam a “vontade coletiva” ainda que o discurso se apoie no argumento de que tudo está sendo feito pelo desenvolvimento social da Nação.

Nesta perspectiva, vemos surgir mudanças no cotidiano das pessoas, mudanças que nem sempre são desejadas, mas de uma forma ou de outra têm de ser elaboradas ou reelaboradas. Refiro-me aqui as tecnologias que são desenvolvidas e inseridas num contexto social, mesmo que para a maioria da população não tenham em um primeiro momento valor ou utilidade. Mas com certeza seus idealizadores saberão fazer o “devido” uso delas, podendo vir a ser utilizadas como instrumento que reforça a luta pelo poder.

²³ Idem.

Chegamos aqui ao ponto central, ao contexto em que as transformações são mais perceptíveis. Quando justamente a TV é inserida no cotidiano da população.

Dessa forma acredito que “com mais forte razão, os meios de comunicação não são por natureza realidades propriamente políticas: podem tornar-se políticas em virtude de sua destinação, como se diz dos instrumentos que são transformados em armas.”²⁴

— Optei por discutir as transformações adotando um dos elementos que a meu ver facilita a percepção das mesmas: os meios que se utilizam da “comunicação” que, mediada pela técnica e conseqüentemente exercida de forma indireta torna-se matéria-prima num contexto em que se pretende aquecer o mercado nacional e lançar-se no internacional.

Nesse sentido, a comunicação é deslocada de seu espaço original e revestida pela artificialidade; remodelada, distanciando-se de sua função de sociabilidade. O produto final é veiculado na TV que personifica esta mediação. Estamos em meio a um processo em que se pretende estabelecer novos comércios sendo oportuno lançar no mercado novos produtos e, eis que, a comunicação acrescida de alguns elementos torna-se um grande *fetichê*, mais uma mercadoria pronta para ser comercializada.

O aprimoramento da comunicação numa sociedade que supostamente deseja construir uma consciência modernizadora é essencial para situar o *novo homem no novo espaço* que se pretende construir. Tem-se neste tempo de esperado desenvolvimento, tecnologias que possibilitam novas aquisições. Não basta mais para o homem contemporâneo ouvir, é necessário ver e ouvir ao mesmo tempo. Os sentidos estão aguçados, a comunicação tende a ser aprimorada, assim são adotadas e criadas novas linguagens para este ícone da inovação tecnológica, a televisão que, a grosso modo, nada mais é do que a junção do som e da imagem passa a ter voz ecoando por todas as regiões que é possível alcançar.

²⁴ RÉMOND, René. *Por uma História política*. Rio de Janeiro: UFRJ – Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.442.

As novas práticas sociais requerem uma adequação dos meios de entretenimento; dos aparelhos que servem ao homem, e dos aparelhos através dos quais os homens servem a outros homens. Este como vários outros pontos de vista foram impressos na história da comunicação.

Ao analisarmos os diferentes períodos da história política do Brasil percebemos que na transição de um para o outro não se rompe verdadeiramente com as políticas anteriores. Os meios diferem-se mas as intenções parecem permanecer as mesmas, no que tange ao desenvolvimento; ao progresso; ao crescimento econômico; eliminação de conflitos e a criação da chamada Identidade Nacional. O que há na realidade é um revezamento de forças que privilegia cada qual um dado posicionamento. “Tudo muda para que tudo siga igual”.

O debate acerca dos meios de comunicação e sua influência na *cultura e na política* são constantes no meio acadêmico (no Brasil a partir da década de 70), principalmente nas áreas das Ciências Sociais, Comunicação, Antropologia e Filosofia. Nos são apresentados vários estudos indicando diferentes fatores que coexistiram para que a sociedade se tornasse enfim a sociedade do consumo e que a TV tornasse um dos instrumentos que melhor o potencializa. Por isso discutir a conjuntura do país em consonância com sua trajetória

No caderno especial do jornal folha de São Paulo²⁵ que trata dos 50 anos da TV brasileira, Clovis Rossi²⁶ afirma que:

*No Brasil, o casamento da política/televisão acabou sendo tardio, pelas circunstâncias institucionais. Embora a TV tenha 50 anos de vida, sua incorporação pela política deu-se apenas nos 20 anos mais recentes, pouco mais ou menos. A rigor o casamento começou a dar-se com a anistia, decretada pelo regime militar em 1979, quando a TV já era velha de quase 30 anos.*²⁷

²⁵ **Folha de São Paulo**. São Paulo. 16 set. 2000. A TV Brasileira aos 50 anos . edição especial

²⁶ do Conselho Editorial do Jornal Folha de São Paulo.

²⁷ Rossi, Clovis. Sem a TV, a política some: para ganhar uma eleição, hoje, a performance é tão ou mais importante do que propostas e biografia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, A TV Brasileira aos 50 anos. 16 set. 2000. edição especial, p. 11.

Quando na realidade as evidências nos faz acreditar no contrário. A TV não pode isentar-se da participação naquele contexto político, pois se atualmente alcança cerca de 98% dos domicílios do país foi pelo impulso que ganhou durante a década de 60. Por que investir na TV antes desse período? não seria necessário que antes disso ela tivesse um alcance significativo? De fato a TV logo após sua instalação não tinha um grande alcance. Não atingia um público considerável embora já tivesse em funcionamento em outros países desde 1936.

Podemos verificar ainda que a regulamentação das emissoras de TV dá-se a partir de 1962 com o governo de João Goulart através do Código Brasileiro de Telecomunicação, que regula as normas para a concessão da Radiodifusão²⁸. E quando regras são necessárias é porque algo tem que ser controlado, logo, não passa despercebida. Justamente por compreenderem o significado desse veículo é que passaram a instituir normas para sua utilização.

*Naqueles tempos, a TV tinha um alcance bastante limitado e sua "hibernação" se manteve até 1965 pelo menos, quando os militares que haviam tomado o poder pouco antes definiram que, entre as novas prioridades, estaria o desenvolvimento da televisão.*²⁹

À medida que a sociedade foi se transformando em meio a projetos político-econômicos, acentuavam-se mudanças de âmbito cultural, e as táticas para atingir as classes que se consolidavam enquanto público.

Segundo **Ciro Marcondes Filho**³⁰, assim como o rádio a televisão mudou as relações com o meio de comunicação, pois além de oferecer o entretenimento, ela veicula mensagens, ou seja, conduz mensagens sociais,

²⁸ Lei n.º 4.117, de 27 de agosto de 1962. Ministério das Comunicações. Disponível em: http://www.mc.gov.br/rtv/lei/dl_236_28021967.htm.

²⁹ SIMÕES, Inimá. Nunca Fui Santa : episódios de censura e autocensura. In: *A TV ao 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo,, 2000. p.66.

³⁰ Ver MARCONDES FILHO, **Ciro**. *Televisão: a Vida pelo Vídeo*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1988. p. 119. (Coleção Polêmica).

forma opinião, funciona como atualização de conhecimento. Posto isto poderíamos considerar também que a televisão pôde ocupar-se de questões de governo mesmo que indiretamente.

Assumindo esta configuração a TV poderia ser útil para estabelecer um diálogo entre o poder institucionalizado e o povo. Poderia levar o discurso para o cotidiano das pessoas, torná-las familiarizadas com as novas técnicas e com o uso que se poderia fazer delas. “A televisão talvez tenha transmitido, melhor do que qualquer outro meio, o que o país gostaria de ter sido -, país em que o progresso almejado é sinônimo de progresso certo, resultado do esforço mobilizador nacional.”³¹

A cultura - da forma com que os militares a concebiam - foi um dos principais focos da ditadura militar. Os seus agentes idealizadores consideravam que esta reunia os aspectos que levariam o Brasil a consolidar seus ideais ressaltando os valores e costumes que se propunha institucionalizar. Algumas práticas culturais seriam adotadas como parte integrante da cultura oficial brasileira, objetivando estabelecer uma coesão nacional que manteria a Ordem e atingira o tão anunciado Progresso.

Podemos analisar como este discurso repercutia nas várias regiões do país, isso não quer dizer que a população aceitava silenciosamente todas as proposições do governo, mas sim, que o discurso político era articulado com a pretensão de atingir todo território nacional e forças políticas institucionalizadas mobilizavam-se para isto - a construção de um discurso modernizador pautava-se na execução de um projeto de âmbito nacional que atingisse a economia, a política o social e o cultural.

Visto como o terreno político-econômico vinha sendo cultivado pelo governo da república vejamos agora, como este ideal atinge as regiões do país. Adotemos como exemplo a cidade de Uberlândia a qual analisaremos no próximo capítulo, verificando o quanto este discurso é ressonante. Neste caso passados 12 anos da instauração do *golpe militar*.

³¹ OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Op. cit, p. 17.

“O padrão de vida da nossa gente cresceu significativamente nos últimos doze anos. O número de automóveis multiplicou-se em escala geométrica. Hoje modestos trabalhadores que antes da Revolução não dispunham sequer de uma bicicleta, andam em seus automóveis, moram em casas confortáveis onde não faltam aparelhos de TV, geladeiras, liquidificadores, aparelhos de ar e de calefação e muitos outros produtos da moderna sociedade de consumo”³²

Este balanço feito pelo Vereador Alceu Santos, Secretário do Diretório Municipal da Arena em Uberlândia, poderia nos levar a crer que os planos político-econômicos para o Brasil iniciados com o Golpe de 1964, foram vitoriosos. Esse ano foi exatamente o ano em que se iniciava em Uberlândia um novo empreendimento que em várias partes do país, já não era tão novo, somente não tinha um grande alcance³³. Se em 1976 a suposta realidade do povo uberlandense atinge tal nível de excelência, porque não tentarmos remontar àquele período a fim de realmente compreendermos o que se passava na cidade? o discurso do governo realmente havia se efetivado?

Com o final da Segunda Guerra Mundial tem-se um acirramento ou, mesmo, a exposição das tecnologias desenvolvidas e uma nova configuração das relações sociais que obviamente foram significativas para as transformações culturais ocorridas no mundo do pós-guerra. Renato Ortiz acredita que

*A imprensa já havia consagrado desde o início do século formas como os jornais diários, as revistas ilustradas, as histórias em quadrinhos. Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social (...) é importante lembrar que a sociedade brasileira, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, se moderniza em diferentes setores.*³⁴

³² Santos, Alceu. Uberlândia Revolução Hoje. **O triângulo**. Uberlândia. Coluna Progresso. 31mar. 1976 (não grifado no original).

³³ Ver Ortiz, Renato. Op. cit.

³⁴ idem, p.38. (não grifado no original).

Daí a necessidade de percebermos as relações resultantes dessas transformações que surgem justamente da reorganização do espaço urbano promovendo diferentes comportamentos culturais frente às inovações tecnológicas nas quais houve um grande investimento, principalmente a partir da década de 50. A mídia neste espaço carregado de pluralidade encontra um vasto “campo cultural” a ser explorado. Os conflitos e as problemáticas relativas a adaptação e assimilação destas transformações oferecem o terreno adequado a tal exploração.

Em meio a fatores que alteram o significado das relações sociais o discurso funciona como catalisador, a linguagem utilizada pela mídia busca construir uma unidade uma síntese do que seria a cultura brasileira, ou seja, o exercício da brasilidade seria forjado através de determinadas práticas culturais que deveriam ser disseminadas por todo o território nacional.

A TV destaca-se enquanto instrumento deste ideal pela sua capacidade de atingir em um tempo curto, um grande número de pessoas, estabelecendo de certa forma uma relação dialógica com a população à medida que é o único meio de comunicação capaz de antecipar a “vontade coletiva”, trabalha, investe nas representações dos sujeitos, alimentando-as ou transformando-as. Este veículo formador de opinião nos permite perceber o quanto o poder vigente acredita no que faz e necessita que a população faça o mesmo.

No que se refere aos projetos propostos para a sociedade brasileira podemos então considerar as tecnologias de comunicação, como parte integrante de um plano que tinha como princípio atingir um consenso “nacional”, forjar a identidade de um povo.

Lúcia Maciel demonstra que para o governo militar o tema das telecomunicações é uma constante. Sendo explícito em sua doutrina a interligação do desenvolvimento econômico e a segurança ao desenvolvimento dos meios de comunicação. O que se pode verificar através dos documentos produzidos pela Escola Superior de Guerra- ESG.³⁵

³⁵ “ Criada em 1949 , inspirada no War college dos Estados Unidos. Tinha o propósito de formar oficiais (Aeronáutica, Marinha e Exército) brasileiros de alto comando.

Nenhum governo precisou mais de comunicação do que o atual. A revolução de março de 1964 assumiu graves responsabilidades perante o povo e a ele devia prestar contas periodicamente. Obrigado a tomar medidas de caráter excepcional, de maneira a recolocar o País num ambiente de paz e de dignidade, devia esclarecer a opinião pública sobre essas medidas. As tarefas de restauração da dignidade perdida na voragem dos desmandos e do impatriotismo implicaram, como de fato aconteceu, em medidas impopulares que deviam ser devidamente explicadas ao povo, por mais difícil que fossem, como fator indispensável à conquista do apoio.³⁶

Poderíamos então compreender que os meios de comunicação são instrumentos capazes de auxiliar no desenvolvimento de uma suposta consciência. O que temos que analisar é se de fato controlam e manipulam atitudes ao ponto de homogeneizar as opiniões mobilizando a população para um eventual apoio as ações do Estado.

As transformações ocorridas, no que se refere as inovações tecnológicas, embora tenham sido significativas, não foram acessíveis a grande parcela da população. Esta sofria conseqüência dessas mudanças, principalmente pelo desemprego causado pela inserção de novo maquinário nas indústrias. A desigualdade social é ainda mais realçada diante das inovações. Alguns tem um amplo acesso ao conforto que o desenvolvimento pode proporcionar enquanto os demais só participam do processo trabalhando e/ou resistindo a ele.

Se nos apoiarmos no balanço feito em Uberlândia pelo vereador Alceu Santos, em artigo publicado no jornal Correio de Uberlândia, citado anteriormente no qual afirma que 12 anos após a Revolução³⁷ até mesmo as classes menos favorecidas faziam parte do processo de desenvolvimento, o que segundo ele poderia ser comprovado a partir dos bens materiais adquiridos, inclusive o televisor. E ainda nos scripts dos programas de formato jornalístico apresentados pela TV Triângulo, nos quais sempre figuram elogios ao regime militar, talvez por afinidade política, ou talvez por uma certa obrigatoriedade. Verificaremos que a insistência em reafirmar o

³⁶ Oliveira, Lúcia Maciel Barbosa. op. cit., citado por [1] Leite, Délio. ESG, 1967, TT1-55-67, p.1

³⁷ Trata-se do Golpe Militar de 31.março.1964.

desenvolvimento, demonstra na realidade uma certa dificuldade do governo em segurar o leme do barco. Ao contrário do que é divulgado na TV daquela cidade: “ Quem está firme no leme do barco brasileiro é o Marechal Castelo Branco...”³⁸, numa referência ao fortalecimento da democracia e ao controle das crises, segundo afirmam, geradas pelos governos anteriores. As notícias ressaltam ainda que a ação desse governo difere dos governos anteriores que só deixaram vícios. Percebe-se em ambos os casos que os fatos relatados denotam uma contrariedade quanto a situação que se afirma estar boa e que vai melhorar.

A intenção ou a consciência modernizadora ainda que seja propagada e veiculada pelos meios de comunicação podem ser questionados quando nos deparamos com outros discursos que perpassam por estes meios de comunicação, como nos trechos do seguinte artigo:

Não fomos envolvidos pelo pavoroso teatro da 2ª conflagração mundial, mas tivemos um implacável e terrível após-guerra. E o estado de coisas, então criado, em permanente e cruel renovação, vai se alongando através dos tempos, indefinidamente. Se já não estamos mais no após-guerra, encontramos entretanto num novo período, mais negro, que poderíamos chamar. 'o após do após-guerra'. Na verdade a situação vai se agravando dia-a-dia. Tudo serve de pretexto para os tubarões expandirem a sua desbragada ambição e aumentarem os seus sempre astronômicos lucros, pouco se lhes importando se com isso estão encarecendo brutalmente o custo das utilidades e contribuindo para o agravamento de uma situação que cada vez mais se torna insustentável. Ao menor indício do risco de serem seus lucros diminuídos temporariamente, não titubeiam em criar uma legião de desempregados, numa demonstração de completa incapacidade para compreenderem que além do lado desumano da medida, a mesma lhes é grandemente prejudicial. Desempregado é consumidor sem poder aquisitivo(...) no Brasil tudo está inflacionado! (...) a nossa moeda está doente, anêmica, atacada e aniquilada(...) Os militares, os economistas e outros, dizem por seu turno, que estamos em crise de autoridade, em crise econômico-financeira, em crise de vergonha, etc. Realmente! Somos detentores dessas e de muitas outras crises, com os políticos acusando-se mutuamente, sem no entanto fazerem a menor autocrítica.(...) Diante de tão tristonho e impatriótico quadro, concluímos que não é tarefa fácil tentarmos moralizar o nosso querido Brasil. Porque, como nos livrar do jugo dos gananciosos e da influência maligna dos demagogos, que os

³⁸ NOTÍCIAS. **Silhuetas dentro da Noite**. Uberlândia. TV Triângulo. 22 de agosto de 1964. Programa de TV.

*possuímos em permanente inflação? Como combatemos o 'tubaronismo', essa praga que infesta o Brasil desde o após-guerra?(...)*³⁹

Podemos considerar que a situação apresentada neste artigo publicado no Correio de Uberlândia em janeiro de 1964 é na realidade uma análise de conjuntura que demonstra uma leitura crítica quanto as dificuldades que o país está enfrentando. A consciência de que embora haja uma continua e excessiva afirmação de que tudo vai bem e acabará bem e que para isso basta ter paciência e vontade não passa de mera demagogia.

A incerteza quanto ao futuro dos trabalhadores é o que paira sobre o momento. Na realidade outros indícios, tais como este, podem ser percebidos nos scripts dos noticiários apresentados na TV Triângulo de Uberlândia no decorrer de 1964 e 1965 o que demonstra que a crise continua. São incipientes os discursos que reforçam o punho dos dirigentes brasileiros que estão, segundo palavras do apresentador e redator dos programas, levando com destreza o governo do Brasil. " A nação atravessa uma fase aurea com o velho Marechal no leme do barco e conduzindo-o de maneira segura para o porto certo. Vimos apreciando suas medidas, todas elas de grande alcance."⁴⁰

Os incentivos e elogios ao governo, contudo, deparam com esta ou aquela reclamação quanto a carestia e a dificuldade de sobrevivência. Constantes anúncios de que o Ministro da Habitação ou do desenvolvimento apresentou tal plano para dar cabo aos problemas dos brasileiros, são elementos que devem ser considerados na tentativa de remontarmos aquele período histórico.

...Foi sancionado pelo governo Federal o Plano habitacional, com a criação do Banco de Habitação, que construirá em todo território nacional...O Ministro da Fazenda Otávio Bulhões anunciou ... que a emissão do dinheiro foi diminuída como nunca fôra na história do país e apresentou ainda dados que caracterizam e formalizam o excelente programa do Governo Revolucionário, que a propósito vem merecendo do exterior toda a ajuda possível para o soerguimento nacional. Provou o Ministro da Fazenda que entramos na fase da recuperação financeira e estabilização do custo de vida. Um amigo que me deu

³⁹ Pereira, Jayme Rodrigues. O após do após-guerra. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. Ano XXVII. nº 9.758. 18/19. jan. 1964, p.07.

⁴⁰ NOTÍCIAS. **Silhuetas Dentro da Noite**. Uberlândia 13 de junho de 1965. Programa de TV

*esta noticia, acrescentou: pois é seu Ruas, quanto o recolhimento do dinheiro eu acredito, porque o dito cujo já começou a escassear em meu bolso.*⁴¹

Assim podemos apreender que há um jogo ideológico, discursos que procuram traçar constantes afirmações de que o país está no rumo certo. O que nos permite constatar que neste governo o que mais efetiva-se é o progresso do discurso.

Quanto a cidade de Uberlândia , as forças políticas hegemônicas locais continuam confabulando e armando um grande palco, para que possam estrear triunfantes. Nestes termos a disputa é intensa e sempre aliada ao discurso nacional do desenvolvimento. Neste embate todas as armas são válidas, inclusive a TV e o apoio a ditadura militar.

⁴¹ Idem, 22 de agosto de 1964

3 – CAPÍTULO II

3.1 - DAS ENTRELINHAS DO PODER ÀS IMAGENS DO PROGRESSO: EM CENA A TELEVISÃO EM UBERLÂNDIA

(...) falou-se em televisão muito tempo. Alguns anos. Tanto é que teve alguns que num montaram a televisão e falô que montô a televisão. Só cunversô. Foi conversa da associação comercial e outros departamentos autárquicos falando na televisão. No fim o Edson Garcia Nunes que é um pulso forte! montou a televisão com Adib Chueiri...não! porque o povo de Uberlândia é um povo dinâmico... um povo corajoso, sempre foi. Agora não, agora que piorou porque nós num temos prefeito que preste, né? Não tem nada que preste. Já passou a fase dos prefeitos trabalhadores, né? Então isso aqui tá acabano também. Tanta porcaria! tanta porcaria que tem entrado aí.⁴²

Das primeiras tentativas a efetiva implantação de um canal de TV em Uberlândia tem-se um percurso de aproximadamente dois anos. Os registros constam que desde 1962⁴³ alguns setores cogitavam a autorização/concessão para o funcionamento do mesmo. Não só as tentativas de instalação da TV já existiam como também conforme relata Roberto Cordeiro, ex-fotógrafo e cinegrafista da TV Triângulo, vários segmentos político-econômicos tentaram investir em tal empreendimento. Vários indícios, conforme apurei nas pesquisas, apontam para uma certa disputa quanto a colocar no ar um canal de TV, não sendo perceptível em um primeiro momento quais eram os agentes envolvidos nesta disputa.

No avançar da pesquisa, fui levada a acreditar na existência de uma certa rivalidade política entre grupos hegemônicos na cidade e aqueles que tentavam lançar-se na disputa por tal poder, haja vista, que havia o interesse do então proprietário do Grupo Diversões Triângulo Mineiro S/A, o Sr. Nicomedes Alves dos Santos ligado a União Democrática Nacional – UDN, em adquirir a concessão de uma repetidora para Uberlândia.

⁴² Roberto Cordeiro em entrevista a autora no dia 15.12.2002.

⁴³ Chega ao Triângulo a Maravilha da Televisão!. **Correio de Uberlândia**, ano XXV, nº 9.442, 27.11.1962. p.01.

Assim como, as emissoras de rádio⁴⁴ até então instaladas em Uberlândia estão ligadas ao poder local, os proprietários dos canais de TV também estão em maioria ligados a grupos que disputam o poder político e que representam o poder econômico local.

Com base nos dados explicitados no primeiro capítulo vimos que a conjuntura econômica do país era até certo ponto propícia a investimentos em vários setores e Uberlândia teve naquele período (1950-1970) alinhada ao projeto de desenvolvimento nacional. Tem-se na cidade a expansão e criação de várias empresas de diferentes setores, oriundas de São Paulo e Rio de Janeiro e mesmo os investidores locais que também pareciam manter um intenso comércio com as cidades vizinhas e o eixo Rio -São Paulo.

Através dos anúncios⁴⁵ feitos na TV triângulo e em outros veículos de comunicação da cidade, os quais procuram reiterar com a propaganda o desenvolvimento do comércio em Uberlândia, percebemos que o discurso é construído com o intuito de fortalecer a imagem da cidade que acreditam estar em constante desenvolvimento. Objetivam convencer a sociedade de que quem investe tem retorno, que a cidade tem um grande potencial para o mercado, inclusive para o setor ligado à telecomunicação.

Seguindo esta perspectiva levantei as seguintes hipóteses:

A TV foi inicialmente implantada a partir de estratégias de grupos políticos da cidade; o empreendimento na realidade não passou de um negócio que poderia ou não dar certo, principalmente retorno financeiro aos proprietários do capital investido; a disputa pelo poder leva aqueles que o perseguem a sair na frente para conquistar espaço, confiança do povo, mostrando que outros grupos além dos tradicionais também podem elevar a cidade, logo, poderia ser um passo para a conquista de um poder político

⁴⁴ Ver Dângelo, Newton. *Vozes da cidade: Progresso, consumo, lazer ao som do Rádio – Uberlândia 1939-1970*. Tese Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2002

⁴⁵ Programa "Conheça Uberlândia" apresentado no ano de 1964 e 1965 os horários variaram cada programa apresentava um comerciante ou uma empresa, destacando todos os dados relativos a ela, inclusive data de inauguração, capital inicial e o faturamento. Percebe-se a intencionalidade em destacar o comércio e fazer valer a idéia de desenvolvimento.

maior, considerando que para quem já possui o poder econômico interessa alcançar maior mobilidade nos próprios negócios, inclusive.

Podemos, agora, buscar compreender os fatos, através dos indícios que conseguimos vislumbrar:

Após 6 meses de trabalho devido a instalação das torres de microondas que foi colocada em Veríssimo e outra na Matinha, o sinal não foi satisfatório. Com esta falha experimental foi criada uma onda de insatisfação entre os adeptos do empreendimento, bem como os que por êste ou aquele motivo era contra sua realização.⁴⁶

Tito Teixeira apresenta no trecho citado aspectos que nos possibilita refletir acerca da realidade política de Uberlândia. Os veículos de comunicação, jornais, rádio, até mesmo eventos realizados na cidade propagandeiavam incessantemente o progresso. Com a televisão não seria diferente. Posto isto, somos levados a crer que havia uma certa busca pelo status de cidade desenvolvida e que toda a população deveria comungar desta idéia. Nestes termos quem poderia ser contra a TV que nada mais é do que um símbolo do progresso tecnológico, ainda que saibamos que inicialmente seu funcionamento era precário?

Roberto Cordeiro em sua monografia sobre a TV afirma, que

Acontece que o assunto: TELEVISÃO, já estava ventilado bem antes do grande acontecimento da Imagem e Som em Uberlândia, por aqueles que já estavam ligados ao Sr. Jânio da Silva Quadros, da U.D.N. [União Democrática Nacional]. Com a queda de Jânio, subiu ao poder João Belchior Goulart (Jango) do P.T.B. [Partido Trabalhista do Brasil] Com Jango, subiram seus correligionários...Jango cai, e a televisão flutua. Quem tinha olhos para ver o futuro, pôde ver a MARAVILHA DA TELEVISÃO!⁴⁷

⁴⁶ TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia*, 1970. Uberlândia : Uberlândia Gráfica LTDA- Editora. p. 498. (não grifado no original).

⁴⁷ CORDEIRO, Roberto. *Chegou a Maravilha da Televisão!*. Uberlândia [1972?]. [s.n.]. (documentação do Acervo Dantas Ruas).

O sucesso da televisão dá-se principalmente pelo o rádio que primeiro explorou o terreno da comunicação de massa. Do seu sucesso e alcance vem as experiências da TV a qual absorveu muitos dos seus programas e técnicos. Foi um verdadeiro laboratório, foram muitas as experimentações. O rádio iniciou-se com uma adesão a um investimento econômico. Posteriormente, quando os investidores percebem a influência que tal meio de comunicação exercia sobre os ouvintes e sua intervenção nos estados emocionais, através das radionovelas e propagandas. O potencial econômico deixa de ser o único atrativo .

A elite dominante acreditando que a modernização tecnológica seria necessária, adere à onda de progresso disseminada em âmbito nacional. Afinal todas as articulações possíveis deveriam ser feitas para que continuassem reproduzindo as estruturas de poder vigente na cidade. Antes que aventureiros (oposição) o fizessem.

Segundo Fábio Piva Pacheco⁴⁸ já no final de 1950 e início de 1960 havia em Uberlândia quatro emissoras de rádio, Difusora, Bela Vista, Educadora e rádio Cultura. A Rádio Educadora pertencia a um grupo ligado a UDN, já a Difusora e a Bela Vista pertenciam a Geraldo Ladeira filiado a uma dissidência do PSD (Partido social Democrata), o PR (Partido Republicano), enquanto que a Cultura pertencia a partidários do PSD. Sendo que a Educadora e a Rádio Cultura foram adquiridas com o propósito de competir a altura do adversário, Geraldo Ladeira, que torna-se prefeito em 1958, através da utilização da rádio em sua campanha política.

Como não havia um controle da propaganda eleitoral, quem tivesse um meio de comunicação obviamente não desperdiçaria a chance de fazer pleno uso de tal aparato. Nessa perspectiva de análise foi necessário retomar as relações político-partidárias estabelecidas na cidade quando o rádio não dividia forças com a TV, observando é claro todas as ressalvas já apresentadas quanto a abrangência desses meios de comunicação naquele período.

⁴⁸ PACHECO, Fábio Piva. Op.cit. p. 25-27.

Muda a cena mas os atores continuam praticamente os mesmos, adequando-se unicamente aos ajustes que acreditam ser necessários para se manterem na condição de donos do destino da cidade-progresso, que de tamanha prosperidade, conforme lê-se nas entrevistas dos jornais e nos programas de televisão veiculados naquele período, viria a superar o próprio estado de Minas Gerais.

Nesta perspectiva estabeleço um diálogo com o trabalho de Pacheco considerando que conforme ressalta Rafael Samuel:

(...) Talvez o historiador deva questionar, ao invés de afirmar: é possível morar no mesmo lugar enquanto se habita mundos diferentes, seja como marido e mulher, pai e filho, empresário e empregado. A empregada e o carpinteiro, mesmo quando eventualmente se casam, terão sido modelados por experiências de trabalho fundamentalmente diferentes e terão ideologias fortemente contrastantes uma terá conhecido apenas o amparo da casa grande, enquanto o outro, apesar de qualificado, terá seguido uma vida nômade de empreitadas.⁴⁹

A televisão não ocupou necessariamente o lugar do rádio, pois, o público não era o mesmo nos anos iniciais de implantação da emissora de televisão, considerando que o rádio já era um grande conhecido das classes populares. Contudo percebe-se um esvaziamento do espaço radiofônico, pois são os profissionais do rádio que irão ocupar lugares na TV, os quais têm experiência com o público, mesmo sendo uma experiência diferente:

Sabe que eu trabalhava em rádio neste época por isso que eu tinha contanto com este pessoal.... Eu trabalhava na rádio educadora... e depois...mas, o rádio antigamente era bom, né? depois com a televisão é que.. a rádio Educadora era a Segunda. Eu trabalhava Na rádio educadora e depois na época da instalação da TV eu trabalhava na rádio Bela Vista do Geraldo Ladeira ai, então eu me lembro assim... a televisão ela foi instalada assim precariamente lá no edifício Valentina na Afonso Pena Afonso (...) Então isso foi em 64. Em 64 ainda eles resolveram fazer uma tramissão externa também era, ali na praça da concha acústica da Tubal Vilela, sê sabe né? Ai o Mário Rodrigues, que era técnico até moço, ele e o Otávio Assis de Melo eram

⁴⁹ SAMUEL, Rafael. Documentação: História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero. V. 09 nº 19, p. 228.

técnicos da televisão. Eram técnicos de rádio e passou para a televisão, eles montaram uma antena.⁵⁰

O depoimento do Sr. Abílio Segadães remete-nos às primeiras tentativas de emissão do sinal da repetidora de TV. No princípio, tudo era muito difícil, conforme relata o depoente, devido as adaptações que eram feitas. Havia poucos equipamento além de serem obsoletos o que possuíam. Enfrentavam ainda a problemática de não ter pessoal especializado. Além disso, Uberlândia passava por um problema com a estação de energia que deixava a população furiosa por causa das freqüentes interrupções no fornecimento da mesma. "(...) a revolução em marcha , com leme do barco brasileiro, e cá por casa, falta de energia (...)."⁵¹

Roberto Cordeiro⁵² relata em sua monografia que houve um movimento para promover a venda de televisores. Quando referiam-se a questão da TV utilizavam para ilustrar a situação que "... não se pode fazer ovos sem galinha ...", ou seja, não se pode vender televisores antes que seja possível ter a imagem. A partir de então iniciou-se a montagem da repetidora paralelamente às vendas de cotas⁵³ para que fosse possível montar as torres e a população pudesse então adquirir aparelhos de TV.

(...) temos a obrigação de descobrir as coisas para lhes contar, vamos vasculhar os jornais para vê se encontramos algo digno de nota. E enquanto o secretario busca alguma coisa, vamos lêr na integra uma carta recebida pelo Dr. Edson Garcia Nunes, nosso Diretor Presidente e que pelo sabôr e estímulo que nos traz, merece sêr divulgada. Sua linguagem é simples mais lê-se nas entrelinhas a sinceridade com que foi escrita. Assina Carlos Pereira. Diz ele: Dr. Edson, eu jamais poderia supor que televisão fosse de maneira que é. Sou roceiro, acostumado a viver com bois e que depois de tanta luta, arruma alguma coisa e vem viver na cidade. Um dia um homem de chapéu e pasta debaixo do braço, vem bater à porta da casa da gente, oferecendo um

⁵⁰ Abilio Segadães, em entrevista concedida a autora no dia 09 de abril de 2003

⁵¹ NOTÍCIAS. **Silhuetas Dentro da Noite**. Uberlândia.: TV Triângulo, 22 de agosto de 1964. Programa TV. (não grifado no original)

⁵² Cordeiro, Roberto. Op. cit.

⁵³ Segundo Roberto Cordeiro, Durval Teixeira e Levi Barbosa venderam cotas e televisores. Iniciando as vendas em novembro de 1962 extendendo a janeiro de 1963. O valor das cotas era de Cr\$ 60.000 para a montagem da Torre, e a primeira prestação equivalia a quantia de Cr\$ 15.000.

aparelho de televisão, como sempre a coisa é a prestação e oferecendo um mundo de vantagens. Eu acabei comprando um. O senhor sabe como são estes corretores. Pois não é que eu estou maravilhado com o tal aparelho e estou ficando mais civilizado? Cá pra nós: Onde é que o sr. Achou esse tal de Dantas Ruas, Chueri, Um nome e três melodias, cinema em casa, desventuras do pescadinha, aquele conjunto do colégio das Freiras, estas verdadeiras artistas que são: Nalva e Edy Santos, e esse fabuloso Durval? Quando eu ouvia falar em televisão em Uberlândia, francamente Dr. Edson, eu achava graça, mas não é que a coisa é séria ? Dizem que isto não é nada e que a coisa ainda vai melhorar muito. Vai mesmo? Se fôr assim eu vou ficar louco de alegria, pois, sabe lá o que é se ter 8 filhos que não saiam da rua e que agora não vêm a hora que começa a funcionar a dita cuja? Qualquer dia o povo vai chama-lo de São Edson. Para meu gosto está tudo bom, porem as mulheres aqui de casa, estão pedindo a tal novela, é isto possível? Parabéns Dr. Edson. E encerra aí vamos lhe responder Sr. Carlos Pereira, antes queremos lhe expressar os nossos melhores agradecimentos por suas palavras tão carinhosas. A novela sairá a partir de 1º de Setembro, como também vários programas serão lançados no decorrer deste resto de mês. E depois desta, vamos tomar uma bem geladinha para comemorar a alegria que sua missiva nos proporcionou. Aceita?⁵⁴

A partir deste fragmento de script, podemos fazer várias análises relativas ao desenvolvimento da TV. Talvez seja necessário ratificar que opto neste trabalho por uma seqüência não cronológica, pois, acredito que se assim fizesse estaria recaindo em uma simples narrativa da história da televisão em Uberlândia.

O propósito da leitura da suposta carta de um recente telespectador parece na realidade que se trata de uma auto-afirmação quanto ao sucesso da TV, a qual alguns atribuíam certo descrédito.

A carta lida pelo redator e apresentador Dantas Ruas, *experiente locutor de rádio*, nos chama a atenção pelo fato do autor tratar-se, segundo o apresentador, de um homem da roça, mas que com toda sua simplicidade compreende bem a situação e o propósito dos tão “abençoados” empreendedores que trouxeram ao homem simples à felicidade. O apresentador afirma antes de iniciar a leitura que o suposto Sr. Carlos Pereira tem uma linguagem simples. Contudo o Sr. Carlos não apresenta uma linguagem tão simples, sequer apresenta linguagem de pessoa vinda da zona rural, *a não ser os bois*. Admite estar ficando civilizado com a tal televisão e

⁵⁴ NOTÍCIAS. *Silhuetas Dentro da Noite*. Uberlândia.: TV Triângulo, 22 de agosto de 1964. Programa TV.

ainda tece elogios a toda equipe da TV Triângulo e ao seu Diretor-presidente, Edson Garcia Nunes, atribuindo a ele a qualidade de quase santo.

Se em 14 de maio de 1964 conforme afirma Roberto Cordeiro, a TV leva ao ar as primeiras imagens através da repetidora, como em 09 de agosto 1964 o Sr. Carlos Pereira, homem simples pode estar tão familiarizado com os programas e nomes da televisão? Sendo que a programação era bastante irregular e o alcance mínimo?

Mais curiosa a situação torna-se quando novamente me deparo com uma carta de telespectador, na realidade com um Script citando uma certa carta. Só que dessa vez ele é culto e sabe-se que se chama Paulo, embora a carta não esteja assinada, levada ao ar no dia 12.09.1964:

*Recebemos uma carta, magnificamente escrita, em que o missivista homem culto e inteligente, nos fazia alguns reparos a respeito de determinados efeitos técnicos dessa nossa TV. Queremos dizer ao amigo que tem absoluta razão e que já providenciamos sobre o assunto. O ilustre observador deixou de assinar a dita carta preferindo em lugar de seu nome colocar um anônimo. O interessante da história é que embaixo do papel, tinha impresso um código que as grandes firmas usam para orientação das Empresas Gráficas, que confeccionam seus impressos. Ora, conhecendo o código e o estilo de quem a escreveu, o anônimo se transformou em um nome aliás bastante sonoro: Paulo. "Le estile cet homme". Dizia Bairon. Portanto...de qualquer maneira o nosso melhor muito obrigado pelo interesse demonstrado pelo trabalho que aqui executamos.*⁵⁵

Enfim, poderia questionar a autenticidade destas cartas que a mim aparecem mais como uma forma de responder à aqueles que estiveram descontentes com o empreendimento que no princípio não demonstrava êxito. A julgar pelas artimanhas⁵⁶ que os agentes da TV vinham desenvolvendo desde o início de sua instalação. Tanto quanto a venda de televisores quanto aos investimentos na Empresa.

⁵⁵ NOTÍCIAS. **Silhuetas Dentro da Noite**. Uberlândia.: TV Triângulo, 12 de setembro de 1964. Programa de TV. (não grifado no original).

⁵⁶ Ver TEMER, Ana Carolina R. P. *Colhendo Notícias, Plantando Imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo. 1998.

É essencial buscarmos compreender como a população interagiu com esta inovação, em que medida este novo meio de **entretenimento** interviu no **cotidiano** das pessoas.

Em Uberlândia como no restante do país a televisão só fazia parte do cotidiano da classe média, o público era pequeno dado o alto valor do aparelho que só era possível ser adquirido à prestações.

(...) É fácil ! Comece a adquirir agora o seu aparelho televisor dando apenas 5 mil cruzeiros de entrada e pagando 8 prestações de 7.500 cruzeiros e uma de 10 mil cruzeiros ao receber o aparelho. O restante do aparelho Você pagará com financiamento de até 15 meses. Garanta desde já sua participação e seja em breve um telespectador (...)⁵⁷

Conforme pode ser extraído do anúncio, os aparelhos de televisor eram caros e vendidos em inúmeras prestações, sendo vendidos antes mesmo da efetivação do canal de TV na cidade. “Chegaram ao ponto de lançar o plano ‘operação TV’”.⁵⁸ Os que adquirissem o aparelho o fariam com antecedência garantindo sua condição de telespectador. Neste período, os aparelhos eram trazidos de São Paulo até que começaram ser montados na cidade e vendidos nas casas de eletrodomésticos.

A primeira fábrica⁵⁹ instalada em Uberlândia foi a Jorge R. Simão, Indústria e comércio Ltda. Esta produzia o televisor Halley, numa média de 8 por dia, somando um total de 200 televisores ao mês, segundo a propaganda o expediente estendia-se até aos domingos, porém a produção ainda não conseguia atender aos pedidos.

Outra empresa que também investiu neste ramo foi a Televisores Morsi, que até 16.01.1965, sendo sua fundação em 30.08.1963 já havia produzido 1800 televisores. Sua capacidade seria brevemente duplicada após a

⁵⁷ Correio de Uberlândia. Ano XXV, n ° 9.442, 27.11.1962, p.01.

⁵⁸ Ver Teixeira, Tito. Op. cit.

⁵⁹ PROPAGANDA. Conheça Uberlândia. Uberlândia. TV Triângulo, 16 de janeiro de 1965. Programa de TV.

instalação da fábrica no setor industrial da cidade. Em média produzia 6 aparelhos de televisão e atendia às seguintes cidades: Brasília, Goiânia, Anápolis, Araguari, Monte Alegre, Ituiutaba e Tupaciguara. Cabe ressaltar que lidavam também com outros equipamentos.

Os números apresentados podem não representar necessariamente a realidade, todavia, nos possibilita aproximar do percentual de residências que a retransmissora cobria.

Aí começaram a já...aí já tinha mais gente que comprou televisor. O pessoal de Uberlândia os Irmãos Simão, botaram uma fábrica aí ...montagem né? Pegavam as peças e montavam... como é que chamava o televisor?... Arley. Harley? é Haley, é isso aí, aí eles botaram essa fábrica de montagem, né? E vendeu até bastante viu. Aí começou, aí eles... as lojas de eletrodoméstico começou a pedir televisor, era FCA era Philips, Semp, a turma compra lá [São Paulo] televisor era assim ele num era qualquer pessoa que podia comprá, mas então foi...o negócio tem que virar ...popular então o preço abaixa e a facilidade de prestação, essas coisas né? Então porque é igual o computador quando começou era só gente rica, popularizou agora é preço de banana, qualquer um tem, qualquer um tem. Não era uma grande fábrica mas dava emprego de acordo com a época...⁶⁰

Mais tarde com uma maior parcela da população tendo acesso a esse novo meio de entretenimento os costumes da cidade foram sendo alterados. Como afirma o Sr. Abílio Segadães:

A repercussão é grande né?...inclusive quando começou a televisão a funcionar mesmo teve... apareceu a figura do...daquele que não tinha televisor. A famosa figura do televisinho. Eu mesmo fui televisinho da minha cunhada lá. Saía daqui...morava na Rio Branco ia lá na Fernando Vilela pra ver a televisão... eles tinha... é!... comprô né? Eu comprei depois trabalhava no rádio. Então a figura do televisinho também é muito importante né?

Como podemos perceber a partir dos relatos transcritos acima, as pessoas perderam hábitos até então integrantes do seu cotidiano, as relações de sociabilidade foram adquirindo uma outra roupagem. Uma das lembranças mais presentes na memória das pessoas que acompanharam estas transformações é o fato de não se freqüentar as casas dos vizinhos como de costume, agora quando o faziam era para assistir televisão, era pela chamada

⁶⁰ Abílio Segadães. Op. cit.

“*maravilha da televisão*”⁶¹ que suscitava frenéticas reações, principalmente daqueles que ainda estavam muito distantes dela.

Segundo a Sra. Lúcia Peixoto:

*(...)Quando você ia na casa das pessoas você ficava até sem jeito, com medo de atrapalhar, pois todos tavam prestando atenção na televisão, é... concentrados. As poucas casas que tinham aparelho de TV ficavam lotadas (...) minha mãe ganhou um aparelho num sorteio... era muito caro naquela época (...) e a casa ficava cheia de gente até gente que a gente não conhecia. Tinha dia que atrapalhava a rotina da casa. Porque era uma coisa nova e atraía muita gente. (...)Tinha um casal...que eu sempre perguntava para minha mãe: por que eles vem pra cá? sendo que eles tinham muito dinheiro, ele podiam comprar... mas parece que queriam ter certeza que era um bom investimento.*⁶²

Assim a TV em um primeiro plano cumpre o papel de reunir pessoas entretanto em torno de si mesma. Deixando as relações interpessoais para um segundo plano. Obviamente outros fatores contribuíram para que as transformações na convivência social ocorrem, foram vários elementos interagindo-se. Enquanto a TV foi ocupando-se dos então tradicionais espaços e momentos de sociabilidade.

Roberto cordeiro relata que numa destas ocasiões em que várias pessoas estavam na casa da vizinha assistindo a uma novela, uma senhora entusiasmadamente esfregava os pés no chão de tanta ansiedade atrapalhando todos que tentavam prestar atenção à cena. Para ele: “... a televisão aqui era uma coisa tão interessante que, ele era do povo junto com o povo e o povo não saia de lá todo mundo sabia das coisas...”

Considerando as mudanças nas relações sociais as quais me referi anteriormente, as pessoas passaram a ter um comportamento *condizente* ao comportamento de uma sociedade *industrializada* a qual interfere nas relações de *cordialidade* e nos antigos costumes. Há aqui uma ruptura com o cotidiano; com as relações de amizade; com os encontros na praça depois do cinema; com o bate-papo com o vizinho. Estas relações passam a ser reguladas de

⁶¹ Slogan utilizado pela CEGEB – Companhia de Empreendimentos Gerais do Brasil para anunciar o seu novo empreendimento, vendas de cotas de TV e financiadora de aparelhos. Empresa de propriedade do Sr. Edson Garcia Nunes.

⁶² Lúcia Peixoto em entrevista a autora em julho de 2003.

certa forma pelo projeto modernizador, como já mencionado. Dita novos ritmos de vida, o que se reveste em um afastamento das relações de sociabilidade da forma as quais eram estabelecidas. O Sr. Abílio Segadães relata que:

*(...) então a televisão foi isso. Ela mudou o hábito das pessoas, começou todo mundo ficar dentro de casa né? até eles fala que a televisão num ponto ela teve seu benefício também de reunir a família o pessoal cada um tomava um rumo, né? Cada um tomava um rumo mas... e depois todo mundo ficava na sala pra vê televisão né?*⁶³

Outro fator que revela a interferência da televisão foi o enfraquecimento e o decréscimo dos cinemas, que eram muito freqüentados. Em 1964, em Uberlândia, havia 11 salas de cinema. Em 1969, somavam 7, ou seja, uma redução significativa. Não que esta redução seja exclusivamente mérito da propagação da TV, mas cabe também a ela tal declínio. "Com a expansão da televisão criada em 1936, mas produzida em massa após 1945 a indústria cinematográfica acusou um declínio bastante progressivo."⁶⁴

*E outra coisa: à medida que foi ganhando expressão todo mundo comprano seu televisor à prestação as ruas foram esvaziando, né?... aqui não... que vê... assim..., por exemplo, antigamente tinha aquele tal aquele tal de vai-vem, que fazia no jardim né? jardim antigo ali da praça Tubal Vilela! e tem aquele da avenida ali. Antes de começar a sessão de cinema as moças, elas passeavam ali dá... onde hoje é a drogasil e o cine Uberlândia onde é o Bradesco ... então a moçada ficava parada né? a moçada ficava parada e as moças vai pra lá e prá cá né? até começar a 1ª sessão. Nunca acabava o vai-vem, e essa coisa... foi deixando de existir. Ah! foi deixando aos poucos o povo foi mudano o hábito.*⁶⁵

O estilo de vida das pessoas foi alterado, muito embora, tais alterações tenham tido repercussão e tenham sido reelaboradas de diferentes maneiras

⁶³ Abílio Segadães, Op. cit.

⁶⁴ MARCONDES FILHO, Ciro, Op. Cit. p. 17

⁶⁵ Abílio Segadães, Op. cit.

pelas elites e pelas chamadas classes populares. Nestes termos, podemos ser levados a crer que o projeto modernizador deparou-se com grandes obstáculos: o endividamento externo, o desemprego, a inflação, dentre outros legados, deixando a população sempre na espera de melhores dias.

O custo de vida começou a baixar dizem alguns órgãos do governo, mas baixa que sentimos mesmo foi de temperatura, o que nos obrigou a comprar mais alguns cobertores dando em pagamento os olhos da cara. Nas esferas políticas o negócio está girando em torno da coincidência de mandatos. E como sempre acontece: brigas e mais brigas sem se conseguir chegar a um acordo.⁶⁶

Diante disso podemos por enquanto chegar a seguinte reflexão, o projeto que se tentava empreender carrega consigo a ideologia da classe hegemônica que desconsidera a heterogeneidade da sociedade brasileira, que não têm uma estrutura social que possibilite tais empreendimentos tamanha as desigualdades sociais que diante de um projeto modernizador se fazem ainda mais gritantes.

Quanto as hipóteses levantadas relativas a realidade da TV em Uberlândia podemos dizer que as três puderam ser constatadas. A TV serviu ora, como escudo ora como instrumento de ataque. Foi sem sombra de dúvidas um grande investimento que trouxe uma grande rentabilidade tanto financeira como política para quem soube fazer uso dela.

Pensando numa análise mais abrangente podemos constatar que há concordância entre vários autores que houve mudanças no "comportamento" alimentadas pela inserção das novas técnicas. Desse modo pensar na cultura contemporânea é pensar cada vez mais na aplicação da técnica e da artificialidade, isto é, da reprodução, da fragmentação de elementos que perdem sua essência a fim de atenderem as necessidades de consumo geradas na sociedade industrial.

Nesta sociedade em que se pretende que o consumo se sobressaia, o homem acaba por tornar-se não só objeto desta referida artificialidade, mas

⁶⁶ NOTÍCIAS. **Silhuetas Dentro da Noite**. Uberlândia. TV Triângulo. 24 de julho de 1964. Programa de TV.

também, produto da mesma. À medida que praticamente toda produção é revestida em material de consumo.

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, a segunda colonização que passa a dizer respeito a alma progride no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica não mais unicamente voltado a organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. Não há dúvida que, já o livro, o jornal, eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial, nunca os murmúrios do mundo – antigamente suspiros de fantasmas, cochichos de fadas, anões e duendes, palavras de gênios e de deuses, hoje em dia músicas, palavras, filmes levados através de ondas – não haviam sido ao mesmo tempo fabricados industrialmente e vendidos comercialmente.⁶⁷

As relações geradas pela industrialização dos bens simbólicos, são de certa forma dialéticas, pois a mídia, ao mesmo tempo que nos submete a um complexo de informações, o faz na maioria das vezes de maneira que não tenhamos condições de compreendê-las na sua totalidade ou mesmo acompanhá-las e o abuso ganha ares de (pseudo)democratização, permite que a informação lançada na tela, seja truncada, filtrada, uma realidade estancada, passada a limpo, ou seja, editada com os devidos cortes. Entretanto o público não recebe esta mercadoria como se pretende vender. Há sempre um potencial crítico do receptor da mensagem, que poderá reelaborá-la, fazendo uso da informação conforme sua necessidade

Nestes termos quando chega-se ao extremo da vida privada entrar nesse universo, adquirindo o caráter de espetáculo, é reelaborada, o cotidiano quando remontado na condição de mercadoria deve ser apresentado de forma a deixar o consumidor satisfeito.

A discussão caminha para o processo posterior a popularização do meios de comunicação, isto é, rádio, TV, revista, folhetins, jornais em fim todos os instrumentos que proporcionam a ampliação dos espaços de *interlocução*.

⁶⁷MORIN, Edgar, Op. cit., p.21.

Uma vez tendo acesso àquele público a que se pretende, pode-se pensar na produção em massa, no consumo, no acirramento da mercantilização dos sonhos, da música da fantasia, da vida.

O século XX passará para a história como o mais importante no processo de comunicação do homem. A revolução ocorrida neste espaço de tempo é extraordinária e não tem precedentes, muito embora ainda faltem 14 anos para adentrarmos ao século XXI. O rádio, a televisão, o cinema, a imprensa escrita e o telefone, juntamente com o desenvolvimento industrial mudaram radicalmente o estilo de vida das pessoas⁶⁸

A intensidade das inovações preconizadas por Waldenyr Caldas de fato nos coloca diante de uma reflexão bastante freqüente na sociedade atual, pois, ao passo que o mundo é materialmente transformado, a recíproca é essencialmente verdadeira no que diz respeito às subjetividades. Considerando que as transformações derivam do potencial de cada contexto histórico, isto explica porque as inovações ocorridas no século XX não têm precedentes, a imediatização da comunicação, a ruptura com a idéia de espaço e tempo é essencialmente contemporânea.

Assim, espero suscitar a discussão acerca da sociedade de consumo ressaltando que a sua análise demonstra grande dificuldade à medida que os modelos teóricos que se predispõem a isto tornam-se rapidamente desatualizados, haja vista, a intensidade das transformações desta sociedade no que se refere a rapidez em reorganizar-se diante das mudanças.

⁶⁸ CALDAS, Waldenyr, Op. cit., p.51.

4. CAPÍTULO III

4.1 - A TELEVISÃO, O TELESPECTADOR E O CONSUMO CULTURAL

Pode-se afirmar que é evidente as alterações nas relações pessoais ao longo do século XX e a sociedade contemporânea é a expressão das mesmas. Sendo o meio urbano predominante sua organização dita os ritmos de trabalho e convivência. As relações são fragmentadas impulsionadas e mediadas por *alegorias*.

O sistema capitalista ameaçado, ora por suas crises internas, ora por intervenção de focos⁶⁹ de resistência à estrutura social, supera e reinventa mecanismos de sustentação. A luta pelo domínio do mercado global é levada às últimas conseqüências, travando-se uma verdadeira guerra. Quando se trata da manutenção da classe hegemônica moderniza-se os meios para que os fins prevaleçam os mesmos. Nestes termos a produção não é abalada, pode ser no mínimo, voltada à outras necessidades; a outros mercados até mesmo à exploração dos bens culturais, através da mercantilização do cotidiano, da vida privada.

Chega-se ao extremo da contradição mercantilizando os conflitos e transformando a luta de classes em material de consumo.

*...A Indústria Cultural contribui para transformar o revolucionário em pop star. Che Guevara ganhou as vitrinas dos shopping centers: lojas de grife vendem – por quantias que alimentariam uma família durante um mês – roupas estampadas com a imagem de um homem que passou a vida combatendo a injustiça social. Sua imagem está em CDs, biografias, camiseta de grife sofisticada e até em biquini vestido pela modelo Gisele Bündchen.*⁷⁰

⁶⁹ Refiro-me aqui ao fato de ocorrer resistência de vários segmentos sociais organizados cada qual com uma luta específica, mas que tem em comum seu antagonista.

⁷⁰ LOPES, Áurea; PESCHANSKI, João Alexandre. Alienação Produzida **Brasil de Fato**. São Paulo, 25 de jan. 2003. Caderno Cultura. p. 12. C. 1-4.

Como podemos verificar na sociedade industrializada na qual a Indústria Cultural impera, até mesmo a oposição ao sistema ganha valor de mercado, podendo ser apropriada e transformada em mercadoria extremamente rentável.

Como em vários momentos da história, emergem inúmeras teorias que tentam analisar o acirramento da produção e do consumo, suas contradições e sua complexidade, as mais diversas áreas do saber estão na corrida em busca de uma *fórmula* através da qual será possível explicar a diversidade que a sociedade contemporânea abarca. Talvez devamos antes de iniciar um estudo desta envergadura atentar que a sociedade é composta sobretudo de antagonismos e cada segundo significa uma série de *mutações* que somadas ao longo do tempo vão constituindo as mudanças de âmbito cultural.

Paul Virilio⁷¹, filósofo e urbanista francês, acredita que vivemos em um momento crítico, principalmente quando o que está em jogo é a convivência, as relações estabelecidas na sociedade. Acredita que estamos praticamente superando as relações de sociabilidade - da forma com a qual estamos acostumados - e a evolução da ciência tem uma grande responsabilidade quanto a esse aspecto, ao menos nos países *ditos* de primeiro mundo. Segundo Virilio à medida que a tecnologia vai sendo desenvolvida e utilizada vamos nos afastando das formas convencionais de sociabilidade, podendo até chegar a extinguí-los.

Talvez seja precipitação pensar nesta possibilidade, pelo menos nos países de "Terceiro Mundo", ocorre sim transformações mais não nessa proporção o fato das tecnologias não serem acessíveis a maioria da população faz com que de fato não ocorra alterações substanciais nos modos de vida. Talvez ocorra uma inibição quanto a determinadas relações nos segmentos mais afetados ou que têm um maior contato com tais tecnologias.

Ainda que vivamos em um momento de retração em que o individualismo é muito mais cultuado do que a coletividade, estamos longe de chegar a extinguir a sociabilidade. Mesmo porque a maioria da população vive

à margem dessas inovações, prevalecendo as antigas formas de relações sociais. O sistema capitalista oferece cada vez mais combustível a um estado de reclusão, mas devida às suas contradições, parte da população escapa desta teia.

Podemos reconhecer o quanto a inserção de tecnologias em dados setores da sociedade, como no setor de produção foram e são significativas: impuseram ritmos, mudanças de hábitos, novas relações que refletem em todos os setores da esfera social. A partir do momento que produção cultural passou a ser reproduzida com algumas pitadas de artificialidade, uma porção ideológica e muita projeção de lucro, encontrou-se a fórmula para comercializá-la.

A elite detém o poder porque possui o saber. Esse saber permite criar novos conhecimentos pelos quais aumenta seu próprio poderio, ou, como observa Michel Foucault, a elite cria os objetos do conhecimento que se tornam objetos de poder. A elite, diz a ideologia dominante, possui o monopólio do saber e do poder.⁷²

Assim, embora haja todo um aparato que se coaduna para envolver e moldar as relações sociais, não significa que realmente consiga impor-se, não que estejamos exercendo nosso potencial de sociabilidade, pois ainda que exista um avanço no sentido do desenvolvimento das mentalidades, da sensibilidade, da psicologia, a subjetividade dissolve-se, é elemento secundário na sociedade contemporânea. O grande paradoxo é que embora o homem seja agente das transformações ocorridas ao longo dos séculos, as inovações, a ciência, a tecnologia o desenvolvimento econômico que deveriam servir a humanidade, pelo contrário, cada vez mais a torna alienada e subjugada, completamente dependente das técnicas.

⁷¹VIRILIO, Paul. *A arte do Motor*. Tradução Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

⁷² CHAUI, Marilena. Introdução, Como de Praxe. In: *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 29.

Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir seus meios de vida (...). O modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir..."⁷³

As tecnologias são fabricadas e não o são aleatoriamente, servem a um propósito, ainda que a princípio, em determinadas situações, estes não estejam tão definidos. É o caso da Televisão que poderia ter a função de levar o entretenimento às pessoas, de mostrar o que acontece no mundo. Poderia-se afirmar que a partir da consolidação da TV enquanto meio de comunicação de massa, esta vem exercer o papel de mediadora entre o governo e a população? Explicita um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que poderia ser utilizada com instrumento de poder político, também apresenta a possibilidade de ameaça a esse mesmo poder.

Estamos finalmente no século XXI. Vivemos realmente num momento *sui generis* a contemporaneidade ou pós-modernidade? o que importa além da denominação desse período histórico é sem dúvida que suporta inúmeras contradições. Diante de todas as transformações ocorridas ainda não foi possível eliminar o que é de mais antigo na história da humanidade: a desigualdade social, a fome, a miséria.

O tema da evolução (através das tecnologias e/ou biotecnologias) é recorrente no cinema, na historiografia, nas artes, enfim em todas as áreas de conhecimento, esta é uma temática veementemente explorada. Tomemos como exemplo os filmes em que os modelos de sociedade que conhecemos são sempre superados ou destruídos, dando lugar ao caos ou a uma nova estrutura social em que, embora haja avanços, velhas formas de relações prevalecem, há ascensão de novas formas organizacionais e muitas vezes a superação da espécie humana. Entretanto o fator subjetividade sempre se torna um empecilho.

⁷³ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p.27.

Podemos citar como exemplo o fato de que as pessoas ou os governos desenvolvem projetos e tentam aplicá-los quando não ignoram o potencial de discernimento político da população ignora a subjetividade, ou a projeção dessa subjetividade nas relações sociais. Assim as transformações não ocorrem isentas das intervenções dos sujeitos mesmo que estes não tenham conseguido barrar os projetos políticos da classe dominante. Estiveram ali atuantes, presentes, sendo agente dos conflitos.

Cabe-nos então a devida atenção a este ponto. Analisar o imaginário, as representações criadas a partir do contato com o novo. Paul Virilio⁷⁴ e Stanley Aronowitz⁷⁵ concordam que o ponto focal de estudo da deteriorização das relações e práticas políticas do homem contemporâneo da-se principalmente após a Segunda Guerra Mundial, momento em que os sentimentos vêm à tona, afloram-se e manifestam-se através das mais variadas formas. Neste contexto de sentimentos de intolerância, de violência instrumentalizada, desenvolvem-se as principais tecnologias, que, se naquele momento funcionavam como verdadeiras armas, hoje a realidade não se diferencia quanto ao propósito. O que se configura de maneira diversa são os meios.

Virilio destaca que as relações criadas na contemporaneidade remetem-nos ao caráter simbólico de tempo e de espaço. O tempo local e o tempo mundial, ganhando o último grande importância, pois envolve os aspectos econômicos e culturais que se interligam na esfera global. Para este autor a tecnologia torna-se um tipo de poluição. Essa denominação dá-se pelo fato da tecnologia ser aplicada em excesso tirando a originalidade das coisas. Contamina a própria noção de relações social.

Considerando que a dinâmica das relações sociais pode ser compreendida quando os fatos sociais que alimentam esta dinâmica podem ser igualmente compreendidos e estudados, pois, só o diálogo com as manifestações que alteram nosso cotidiano é que nos fará conhecedores da

⁷⁴ Ver VIRILIO, Paul, *Op. cit.*

⁷⁵ Ver ARONOWITZ, Stanley. In: HOLLANDA, Heloisa. (org.). *Pós modernismo e Política*. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1991. JAMESON, F. *O pós-modernismo e a sociedade de consumo*. In: KAPLAN, E. A. (org.) *O Mal Estar no Modernismo*. Teorias e Práticas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. Ed. Original de 1988.

nossa produção sociocultural podendo transformá-la de acordo com o que o processo histórico permitir. Pensar na cultura no mundo contemporâneo é pensar cada vez mais na aplicação da técnica e da artificialidade (Indústria Cultural) servindo a um grupo dominante, ideologicamente definido. Dessa forma o homem acaba por tornar-se não só objeto desta artificialidade, mas também, produto da mesma.

A realidade da qual somos interlocutores parece nos levar a substituir o "penso , logo existo" pelo que tornou-se, pelo menos aos olhos da autora, a máxima da contemporaneidade: *existimos, logo pensamos* e o único fator que nos faz sentir contemporâneos são os contemporâneos. Já estamos de fato integrados na realidade mundial de esportes concêntricos, servindo ao grande capital, cujo consumo sentimos só mais um gesto tentando remediar o irremediável em que a sociedade já não está.

Segundo a mesora Lygiana Matos⁷⁶, vivemos num contexto de "extremos", no qual o *querer ser* é sobrepujado pelo *querer ter*, sendo os valores e comportamentos moldados conforme a necessidade do mercado que conta com a intervenção de um aparato tecnológico como os meios de comunicação. Esses meios desempenham um papel simbólico que contribui para transformar a sociedade numa sociedade do espetáculo, do realismo extremo, da visibilidade absoluta, tornando-nos tolerantes com o intolerável. Obviamente não exercemos unicamente o papel de receptores, interagimos e interpretamos as informações conforme nossos códigos culturais.

Diante desta realidade é necessário compreendermos quais são os principais fatores que influenciam a criação desse estado de coisas, ressaltando que: " Qualquer que seja o fenômeno estudado, é preciso primeiramente que o observador se estude, pois o observador, ou perturba o fenômeno observado, ou nele se projeta de algum modo."⁷⁷

Os meios de comunicação, em especial a televisão, assumem um importante papel na sociedade de consumo, pois têm como prerrogativa a manifestação aprimorada de tecnologia de comunicação criando supostos

⁷⁶ Conferência Uberlândia. Dezembro de 2001

princípios de atuação: a democratização das informações e a promoção do entretenimento.

Art. 38 Nas concessões e autorizações para a execução de serviços de radiodifusão serão observados, além de outros requisitos, os seguintes preceitos e cláusulas:

d) os serviços de informação, divertimento, propaganda e publicidade das empresas de radiodifusão estão subordinados às finalidades educativas e culturais inerentes à radiodifusão, visando aos superiores interesses do País;

Art. 52 A inobservância de radiodifusão não exclui a punição dos que praticarem abusos no seu exercício.

ij) colaborar na prática de rebeledia, desordens ou manifestações proibidas".⁷⁸

Os princípios que deveriam nortear o trabalho realizado pelas Estações radiodifusoras de som e imagem estão longe de cumprir com as determinações das leis que regiam a telecomunicação. Quando analisamos as relações entre a União e as empresas concessionárias desse serviço, poderíamos ser levados a crer que o não cumprimento de qualquer determinação do Ministério das Comunicações levaria a aplicação de severas penalidades, porém, isto não parece ocorrer no Brasil. O controle desses meios de comunicação da forma que reza na legislação brasileira parece ser quase impossível. Mesmo porque existem interesses políticos nestas relações não sendo aconselhável uma indisposição dessa envergadura.

Podemos concluir que provavelmente há uma certa conivência entre o poder público e a iniciativa privada, pois várias infrações são cometidas pelas concessionárias

⁷⁷MORIN, Edgar, Op. cit., p.21.

⁷⁸BRASIL. Lei n.º 4.117, de 27 de agosto de 1962. Ministério das Comunicações. Disponível em http://www.mc.gov.br/rtv/lei/dl_236_28021967.htm.

Enfim a Televisão no Brasil que conta com aproximadamente 170⁷⁹ milhões de habitantes ocupa lugar de destaque tem mais prestígio que muitas autoridade brasileiras. Conforme mostra a tabela abaixo abrange quase que a totalidade dos domicílios conforme pode ser verificado através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Cabe ressaltar que elegi dos itens apontados na pesquisa os serviços que considero básicos para estabelecer uma correlação.

Variável = Domicílios particulares permanentes (Unidade)⁸⁰

Ano = 2000	
Brasil	
Existência de serviços e bens duráveis	
Coleta de lixo	35.320.364
Iluminação elétrica	41.596.986
Televisão	38.906.707

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (amostragem)

Através da referida tabela é possível visualizar em termos estatísticos as diferenças, que por sua vez são intrigantes, quanto ao acesso da população a serviços considerados básicos e principalmente a dimensão quanto a propriedade de bens duráveis.

⁷⁹ Conforme Senso Demográfico 2000 - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 27.04./05/05/2003.

⁸⁰1 - Os dados são dos Resultados Preliminares da Amostra

2 - As categorias Total incluem os domicílios e as pessoas sem declaração de existência de serviços e bens duráveis

3 - Os Resultados Preliminares da Amostra foram obtidos por uma pequena amostra dos domicílios e pessoas pesquisados pelo Censo 2000. Tais estimativas, portanto, têm diferentes níveis de precisão dependendo da natureza da informação. O Coeficiente de Variação calculado para cada uma das células das tabelas apresentadas dá uma medida da precisão dessas estimativas. Esses coeficientes têm valores que variam partir de zero, quando a estimativa coincide com o valor censitário conhecido, aumentando quando o nível de precisão diminui.

Quando a comparação é realizada levando em consideração a quantidade de domicílios que possuem televisão e que têm energia elétrica instalada em casa a diferença é de apenas 2.690.279 (dois milhões seiscentos e noventa mil duzentos e setenta e nove domicílios). Enquanto que em comparação com um serviço básico que é a coleta de lixo a TV fica com um total de 3.586.343 (Três milhões quinhentos e oitenta e seis mil e trezentos e quarenta e três) domicílios a mais, ou seja, podemos questionar quais são as condições de vida dessas pessoas que recebem em casa todos os dias as repetitivas imagens televisivas, que se quer tem acesso a um serviço básico?

Estes números servem como indícios para demonstrar a abrangência desse veículo de comunicação que ultrapassa as barreiras de classe, ainda que não alcance todo o território nacional, o percentual que alcança é mais do que significativo. Entretanto esta ilustração estatística deve ser ressaltada, pois, há possibilidades de falhas. O método utilizado pelo IBGE não está isento de erros. Assim podemos questionar também a validade desse tipo de pesquisa generalizante que pode nos levar a perder a dimensão das reais condições da população. De qualquer forma os números são dados empíricos devendo ser utilizados, desde que nos atentemos quem os utiliza e para que?

O Brasil tem uma das maiores taxas de desigualdades social do planeta, e nitidas disparidades regionais. Se um programa de auditório ou um rarierrão novelesco pode ser consumido pela estressada classe média urbana de qualquer país, o que se torna significativo no Brasil é fato de que se atinja, com igual eficiência, grupos sociais totalmente diferentes e incommunicáveis entre si. Não é por acaso que as telenovelas se dividam em "rurais" e "urbanas". Mais do que contrastar as duas realidades, servem para homogeneizá-las num mesmo código; na fazenda de gado ou na selva de peúra, haverá sempre a viã ciumentia, o patriarca em declínio, o casazinho moderno. Haverá também pobres e ricos. Que o amor vença ou não as barreiras sociais, isso é detalhe secundário. O decisivo é que, ao contrato – é dado real, sem dúvida não mensurável pelas pesquisas de opinião pública.⁸¹

Dada as condições sociais dos brasileiros, talvez seja possível formular uma hipótese quanto ao poder que a televisão exerce sobre a população. São

cinquenta e três anos de Brasil e basta lembrarmos em quais momentos da história desse país que a televisão esteve presente lado - a - lado com o governo “crescendo junto com o país e a medida que o governo militar avançava estava lá a TV, cumprindo seu papel de anestésico. A ressaca causada pelos agentes da ditadura militar tinha que ser remediada.

Assim, podemos concluir que um veículo de comunicação de massa como a TV exerce sem sombra de dúvida uma grande influência na população não só no Brasil como também nos demais países do “Terceiro Mundo”. Este fator pode ocorrer devido, principalmente as condições socio-econômicas da mesma que não têm acessos, tais como : lazer, entretenimento, condição financeira estável, educação, cultura, ou mesmo perspectivas de mudança , no que se refere ao poder político desses países. Tendo antes de qualquer tipo de conforto uma TV, esta terá o papel de suprir as demais carências.

⁸¹ “ O Direito de Emburrecer” . Folha de São Paulo. São Paulo. A TV Brasileira aos 50 anos. 16.set..2000. edição especial p. 08.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho apropriando-me do celebre trecho da obra de William Shakespeare, Hamlet, o fiz com o intuito de denotar ou de remontar o perfil psicológico do personagem. Foi na realidade uma alusão ao estado emocional de um graduando quando está em fase de produção monográfica.

Nossa percepção de pretense historiador está sob alerta, atenta a qualquer manifestação que possa ser transformada em fonte, por isso, do “*Ser ou não ser...*”.

É o momento de fazer reflexões as quais vão denotar o conhecimento apreendido até o momento. Daí a dificuldade de contemplar tanto os pressupostos teórico-metodológicos quanto projetá-los num plano da prática do fazer histórico e da história propriamente dita.

No decorrer deste trabalho várias constatações foram feitas, o que não poderia ser diferente. O principal fato que talvez seja o maior inimigo do futuro historiador é saber que terá de responder pelo resto de sua carreira pelo que é um produto da experiência de 5 anos. Por isso, a dificuldade de produzir, pois a dúvida, a insegurança de como seu trabalho será interpretado é que faz esse momento ser tão dramático.

O trabalho aqui esboçado vem sendo fruto de reflexões que estendem-se desde 2001. Ao longo destes quase três anos os objetivos, o recorte e o enfoque foram mudando. Estas mudanças foram necessárias ao meu ver para trazer o objeto de pesquisa para mais perto do nosso cotidiano. Considerando que os aspectos abordados quanto ao alcance da televisão e as transformações nas formas de sociabilidade na contemporaneidade é mais um elemento ao qual temos que nos confrontar no nosso dia-a-dia.

Embora seja um trabalho de cunho acadêmico e obrigatório, logo, está submetido a regras e normas, estas por vezes, parecem contraditórias. Talvez careça de uma maturidade intelectual, pois não compreendo porque ora, precisamos ser originais e não nos apoiarmos na produção intelectual já

consagrada, ora não podemos deixar de lado tal produção. É um equilíbrio difícil de atingir, as teorias nem sempre darão luz à determinada análise considerando as peculiaridades das experiências, ao passo que, a falta de familiarização com determinadas fontes e contextos nos submeterão a dependência de determinadas teorias.

Pois bem, a experiência de realizar este trabalho trouxe à tona vários questionamentos, que me acompanhavam desde o início do curso e que agora aparecem de forma mais elaborada. Um dos grandes pontos a ser analisado neste caso é a utilização da História Oral. Esta sem dúvida é um grande desafio ao historiador que tem o mínimo de senso ético. Quando da abordagem de pessoas que podem servir a nossa "causa" vários elementos entram em jogo.

No campo teórico esta discussão está bem resolvida, no entanto o problema é quando partimos para a prática que será determinada a partir das relações com a categoria que escolhemos estabelecer enquanto fonte. A relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado não tem como aplicar teorias. A compreensão da dimensão de nossa responsabilidade para com o sujeito se dá a partir do momento que fazemos o primeiro contato. Estabelece-se a partir de então uma relação de confiança o futuro entrevistado deposita uma certa credibilidade no entrevistador para que a relação possa realizar-se de forma confortável para ambos.

A grande dificuldade que se coloca ao pesquisador é quando o entrevistado na consciência do valor que é atribuído a ele nesse momento, utiliza-se disso para inverter os papéis, pois justamente o fator subjetividade pode ser desviado a qualquer momento. Fazendo com que o propósito que se pretendia estabelecer seja revestido em outro tipo de relação que prejudica o andamento de todo o trabalho.

Nestes termos lidar com fontes vivas dotadas de sentimentos, de subjetividade pode ser algo arriscado necessitando de um certo preparo e clareza do que realmente se pretende fazer com o resultado. Visando uma

melhor condução de todo o processo que vai desde o primeiro contato à utilização do produto final, o qual deve ser cuidadosamente lapidado.

Além dos obstáculos já mencionados devo ressaltar que não foi nada fácil trabalhar com Scripts de programas e o fato de não ter tido acesso ao acervo a mais tempo para poder processar melhor as informações colhidas, de certa forma, fez com que conduzisse o trabalho para um foco diferente do pretendido. Comprometendo assim o potencial do mesmo.

Quanto a televisão o que podemos refletir diante do exposto no decorrer deste estudo é que sem dúvida temos na sociedade contemporânea uma grande dependência desse veículo. Esta ocupou vários espaços antes reservados a práticas sociais. No entanto não cabe atribuir a esse meio de comunicação a responsabilidade pela crise dos nossos modelos político-ideológicos.

Dada a conjuntura nacional e sua dependência do que se convencionou chamar de global poderíamos enumerar vários fatores que contribuíram para nos colocar nas condições as quais nos encontramos. O Brasil assim como os demais países da América Latina é o retrato da diversidade em que coexistem várias realidades, "tempos históricos" diferentes se nos basearmos nas diferenças quanto ao desenvolvimento das regiões do país. E ainda os problemas elementares que ainda são um desafio social.

Dessa forma o que temos a partir do desenvolvimento da televisão e da imagem que as pessoas têm, de tal veículo é a apropriação de um meio de comunicação que servirá como propagador dos ideais que colaboram com a manutenção da estrutura social vigente.

Isto não quer dizer que os receptores das mensagens veiculadas não reajam criticamente a tal pretensão. Mas ainda sim, devemos considerar o alcance da televisão e os estados emocionais que ela é capaz de criar, vivemos isto no nosso dia-a-dia. haja vista, seu potencial de persuadir e criar necessidades interferindo nas representações de mundo até então construídas pelos telespectadores.

Posto isto, é preciso reafirmar que o trabalho em questão é exercido sob muita tensão e isto requer tentativas de fuga de negação de alguns grilhões que tendem a aprisionar o Historiador. E embora saibamos que uma "obra" deva ser lapidada no sentido de ser melhor aceita ou melhor compreendida, nem sempre conseguimos produzir algo que realmente seja compreensível a gregos e troianos,¹¹ fazendo com que tal produção corresponda unicamente aos nossos preceitos. É o risco que corremos, mas ainda não compreendi se isto é algo a ser desprezado ou valorizado, desde que o proponente tenha convicção para defender aquilo que diz acreditar.

6 - LOCAIS E FONTES DE PESQUISA

➤ **Arquivo Público Municipal de Uberlândia**

- Acervo Jerônimo Arantes

- pastas 41 e 51

- Revista O Cruzeiro: 1964

- Acervo Dantas Ruas (Scripts)

- **Comerciais**

Bemosa – Banco Comercial e Industrial de Minas Gerais – redator.

Dantas Ruas - 07 de junho de 1966.

Empresa Equipe – redator Dantas Ruas - 02 Dezembro de 1965 e 04 de fevereiro de 1966.

Empresa Equipe – ao vivo – redator Fraga: 20 de janeiro de 1966.

História do seu Zé – sobre propaganda na TV – S/D.

- **Programas**

Boate 8 - 05 de agosto de 1964.

Canta Itália - 17. De julho de 1964 e 25 de julho de 1964.

Conheça Uberlândia - 10/12-15/17-19/22/24/28/31 de dezembro de 1964,
02/16/18/20 de janeiro de 1965, 10 de março de 1965, 02/31 de agosto
1965.

Itália Eterna: - 19 julho 1964.

Silhuetas Dentro da Noite: 18/24/ de julho de 1964,01/08/22/29/ de agosto de 1964, 05/12/19/25 de setembro de 1964, 03/10/17/24/ de outubro de 1964, 01/07/14/21/28/ de novembro de 1964, 04/12/19/26 de dezembro de 1964. 02/09/16/23/30/ janeiro de 1965. 06/13 de fevereiro de 1965, 13 de março de 1965

Revista Feminina: 17.12.1964

Serenata: 28.07.1964

Um piano Toca para Você: 19/07/1964, 20/07/1964, 08.08.1964

Um violão em Surdina: 21.07.1964.

• **Jornal**

Correio de Uberlândia 1962 a 1964

➤ **Entrevistas**

1. Mário Rodrigues – (Técnico de operações, ex-funcionário da TV triângulo, atual Diretor Técnico da TV Paraníba, 60 anos).
2. Roberto Cordeiro (fotógrafo aposentado, 80 anos, ex-funcionário da TV Triângulo).
3. Olívia Calabria (ex- militante do Partido Comunista, 90 anos)
4. Abílio Segadães (ex- redator da TV Triângulo)
5. Lúcia Peixoto – Advogada e vendedora, 60 anos

➤ **Jornais**

Folha de São Paulo - A TV Brasileira aos 50 anos - Sábado – 16 de setembro de 2000. edição especial Sábado.

TV Folha. *Folha de São Paulo*. 2001.

Brasil de Fato. Ano I nº zero a 18 .

Fontes eletrônicas

BRASIL.. Lei n.º 4.117, de 27 de agosto de 1962. institui O Código Brasileiro de Telecomunicações. Brasília: Ministério das Comunicações, 1962. 26 p.

Disponível em: <[http:// www.anatel.gov.br](http://www.anatel.gov.br).

http://www.mc.gov.br/rtv/lei/dl_236_28021967.htm. Acesso em 10 de junho de 2003.

BRASIL. Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Brasília: Ministério das Comunicações. 1967. 12 p.

Disponível em : <[http:// www.anatel.gov.br](http://www.anatel.gov.br).

http://www.mc.gov.br/rtv/lei/dl_236_28021967.htm. Acesso em 10 de junho de 2003.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. In Cohn, Gabriel (org) col. *Grandes Cientistas Sociais* : São Paulo Atica, 1986., n ° 54.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: "O iluminismo como mistificação da massa". In : LIMA, L. C. (org.) *Teoria da Cultura de Massa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ALMEIDA, M. H. T. de, WEIS, L. Carro- Zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (ORG.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. p. 319-410 .

BACCEGA, Maria Aparecida. " Comunicação;Educação: Aproximações". In: *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000 p.p. 95-109.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Variedades de História Cultural*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALDAS, Waldenyr. *Cultura de Massas e política e comunicações*. São Paulo: Global, 1986. (col. para Entender).

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CAPARELLI, Sérgio. *Ditaduras e Indústrias culturais: no Brasil, na Argentina, No Chile e no Uruguai (1964-1984)*, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1989.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK-JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Estudos Brasileiros. V 14) . p.p 183-206.

CHAUI, Marilena. "Introdução, Como de Praxe". In: *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 4ª edição.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de comunicação*, ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1971.

DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: progresso, consumo, lazer ao som do Rádio-Uberlândia 1339-1970* Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

DRAIBE, Sônia. " 1930-1945: Rumo à Industrialização e à nova forma do Estado Brasileiro". In: *Rumos e Metamorfoses: Um estudo sobre a constituição do Estado e as Alternativas da industrialização no Brasil: 1930-1960*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2. Ed.1979.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*/ Júnia Lessa França, Ana Cristina de Vasconcelos, Maria Helena de Andrade, Magalhães, Stella Maria Borges. 5. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 1997. (Ensaio Latino-americanos, 1).

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMES, A. de C. " A política Brasileira em busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado". In: SCHWARCZ, L. M. (ORG.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 489-558 (v. 04).

- HOBBSAWN, Eric J. "As Artes 1914-45"; "Morre a vanguarda: as artes após 1950". In: *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Heloisa. (org.). Pós modernismo e Política. _ R.J. Ed. Rocco, 1991. JAMESON, F. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. A. (org.) *O Mal Estar no Modernismo. Teorias e Práticas*. Rio de Janeiro, Jorge Zañar, 1993. Ed. Original de 1988.
- KEHL, Maria Rita. Televisão e Violência do Imaginário. In: *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000. São Paulo. p.p- 133-150.
- LEOPOLDI, Maria Antonieta P. "Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60)". In: COMES, ângela de Castro (org.). *O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC*, 1991, p.p. 71-99.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1967. (Col. Culturas em debates).
- OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. "Nossos Comerciais Por Favor!" : *a televisão brasileira e a escola superior de guerra: o caso Flávio Cavalcanti*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.
- ORTIZ , Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e Poder: Representações simbólicas do autoritarismo na política-Uberlândia 1960/1990*. Dissertação (mestrado em História) Instituto de HistóriaUberlândia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2001.
- PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. in. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 2 1996. P. 59-72.

SAMUEL, Rafael. Documentação: História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero. V. 09 nº 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SILVA, Angela Maria. *Guia para Normarização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografia, dissertações e teses*/ Angela Maria Silva, Maria Salete de Freitas Pinheiro, Nara Eugenia de Freitas. – Uberlândia: UFU, 2000.

SIMÕES, Inimá. "Nunca Fui Santa : episódios de censura e autocensura. In: *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000. p.p- 65-94

TEMER, Ana Carolina R. P. *Colhendo Notícias, Plantando Imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo. 1998.

VIRILIO, Paul. "Os motores da História". In: ARAÚJO, Hermetes Reis de (org.) *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

_____. *A arte do Motor*, tradução Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOLFE, Joel. "Pai dos pobres" ou "Mãe dos ricos"?: *Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954*. In: **Revista Brasileira de História**. São paulo: ANPUH/Marco Zero. V 14, nº 27. 1994. p. 32.